a Cena muda

Cine-romance: **"O CASTELO DO PAVOR"**

O que é o "CINEMASCOPE"



Cary Grant e Betsy Drake ensinam:
"COMO SER FELIZ NO CASAMENTO"

Cine-novela: **"MEUS SEIS CRIMINOSOS"**

Repertório de Orlando Silva

N.º 25 ★ 17-6-53 ★ Cr$ 4,00 em todo o Brasil




AT. SEMOG/.
INSINUANTE
ESTÁ FESTEJANDO
SÃO JOÃO
COM UMA TREMENDA
LIQUIDAÇÃO
ESTA SIM!
É QUE É
A MAIOR!
45.000
PARES QUE VÃO
SER QUEIMADOS
POR QUALQUER
PREÇO
insinuante
É A MAIOR E MELHOR SAPATARIA
DA AMERICA LATINA E É TAMBEM
UMA GALERIA A SUA DISPOSIÇÃO.
CARIOCA 46-48 - SETE DE SETEMBRO 199-201

RESENHA

O casal Fred Astaire comemorou o vigésimo aniversário de casamento, batendo um «record» que muita gente em Hollywood gostaria de poder imitar... ★ Ava já regressou da Africa, onde filmou com Clark Gable, «Mogambo». Seu romance com Frank Sinatura está mais firme do que nunca! ★ Gene Tierney permanece em Londres ouvindo Ali Khan. Por enquanto, os filmes vão esperar... ★ Rosemary Clooney, a noiva do notável ator José Ferer, começa a ser notada em Hollywood. Isso é bom sinal... ★ Rita Hayworth vai filmar em Terceira Dimensão a peça teatral «Chuva». Ela interpretará Saddie Thompson, que em relêvo e com a interpretação de Rita, será uma sensação! ★ Robert Taylor parece destinado a viver histórias épicas no cinema. Depois de «Ivanhoé» e «Quo Vadis», vai a Londres para fazer «Cavaleiros da Távola Redonda» ★ Vittorio De Sica, segundo comentários, deixará a Direção, para ser apenas intérprete. Porque será? ★ Marcel Carné, famoso diretor do cinema francês, prepara «Teresa Raquin», do romance de Zola, com Simone Signoret e Raf Vallone, nos protagonistas. ★ Alida Valli comemorou as cinqüenta filmes já feitos em sua brilhante carreira. ★ Kerina, que fêz sucesso em «O Pária das Ilhas», é a «estrêla» de «A Lôba», de Alberto Latuadda. Papel sensualísimo, aliás... ★ Audrey Hepburn foi considerada a mais notável revelação dêsses últimos tempos, sem contarmos Marilyn Monroe. Aquilo que «não foi» responsável pelo êxito da loura Marilyn, sobra em Audrey. Compreenderam? ★ Bob Hope anda às voltas com a justiça, ameaçado de pagar dois milhões de dólares de indenização a colegas seus, filiados à Associação de que ele é Presidente. Motivo: A Associação andou metendo o nariz onde não fôra chamada... ★ Em Argel, foram feitas experiências com o cinema sem tela. Até agora ninguém procurou inventar o cinema sem artistas. Quem teria coragem? ★ Gregory Peck prepara-se para filmar «Noby Dick», com John Huston na Direção. Vai sair coisa boa. ★ Carlitos está morando numa casa de campo na Suiça. Êle pensa dedicar algumas horas de seu resumido tempo à agricultura!

PARECE, MAS NÃO É...



Não, não é a filhinha de Loreta Yong, mas simplesmente Laureen Perreau, irmãzinha de Gigi Perreau, outra coisinha... Loreta sempre gostou de crianças...

CONVERSA da Semana

QUEM visita os estúdios brasileiros em São Paulo volta com a impressão exata de que estêve dentro de uma autêntica Hollywood, com aquêle mesmo atropêlo de que nos falam os cronistas, ao narrar os acontecimentos diários da meca do cinema.

São Paulo, quer queiram ou não, está comandando a indústria de filmes no Brasil, possuindo, além dos estúdios gigantescos, que aumentam cada novo mês, um bar com atmosfera cinematográfica onde se respira cinema, e como êle não fecha, podemos dizer, durante as vinte e quatro horas do dia...

De certo modo, a centralização da indústria cinematográfica em São Paulo não deixa de ser um bem para o cinema brasileiro, sendo muito fácil explicar porquê.

Hollywood tornou-se o que é hoje, graças a um mito, aumentado pela distância de milhas e milhas. Dali partem as mais curiosas reportagens da vida dos "astros", elevando-os à alturas jamais sonhadas. Se algum nasceu num bairro pobre de Nova York, transportam-no para uma fazenda no Texas, levando boa vida e fazendo teatrinho na escola. Se a coisa sucede ao contrário, levam-no, então, para o bairro pobre. Existe fantasia em tudo e a fantasia ajuda o cinema a viver.

Citemos apenas um exemplo: Anselmo Duarte. Anselmo, embora nascendo em São Paulo, veio tentar a sorte no Rio, começando na imprensa, em assuntos econômicos. Depois um produtor reparou na sua estampa de "galã" e contratou-o. Anselmo começou a fazer cinema febrilmente. Um filme, após o outro. Alcançou sucesso, mas era um artista fácil. Quando não estava tagarelando com os amigos na Cinelândia, trabalhava nos estúdios da Atlântida, alguns passos, apenas, do centro.

Agora, Anselmo se foi para a Vera Cruz e é um artista difícil. Tem muito mais cartaz e subiu de cotação extraordinàriamente, causando inveja com seu ordenado de milhares de cruzeiros. As fantasias que se criam em tôrno dêle, é que levam o público a assistir seus filmes. As lendas que se contam a respeito de sua vida; os boatos de seus romances; os seus hábitos fora dos estúdios, são responsáveis pela enorme correspondência que o artista recebe.

Existe em Hollywood o tabú do "Fan-Mail" ou seja, a mala do "fan". O artista que recebe maior correspondência tem assegurados os melhores contratos com os melhores papéis nos filmes mais ambiciosos. E' preciso lembrar que o cinema antes de desejar ser arte, é indústria, e como indústria deve dar lucros.

Nos estúdios brasileiros a mala do "fan" já está valendo para Anselmo Duarte e outros artistas. As cartas chovem de todos os estados com as mais variadas perguntas. Anselmo vai fazer outro filme? E' verdade que êle coleciona cachimbos? E' certo que recusou o papel numa comédia? E' verdade que escreveu um argumento? Êle vai fazer uma "tournée" pelos estados, quando, quais as cidadesq ue vai visitar? E uma infinidade de outras indagações deliciosas para o artista responder na calma de seu apartamento, ao som do "blue" mais dolente, manejando a máquina de escrever.

O exemplo de Anselmo prova que estamos certos afirmando que os artistas e os estúdios devem ficar distantes de qualquer grande metrópole.

Cinema é um mundo à parte, fantástico, fabuloso, repleto de surprêsas. O cinema brasileiro não pode e não deve fugir à essa regra!

SUMÁRIO

	Págs.
Conversa da Semana	3
A vida do Cinema	4
Cinema Nacional em Foco	5
O que é o «Cinemascope»	6/8
Cine Variedades	9
Cine-trailer	10
A Sorte lhe deu um pontapé	11
Vai estrear «Sinfonia Amazônica»	12
Cine-Romance «O Castelo do Pavor	13/15
Joan Crawford, a magnífica	16/17
Como ser feliz no casamento	18/19
Repertório de Orlando Silva	20
Confisões de Clara Boom	21
Eles são como o Vinho	22/23
Cine-Novela «Meus Seis Criminosos»	24/26
Rádio	27
No Mundo dos Discos	28
Outro filme de Luciano Emmer	29
Cine-novela: «Contra tôdas as bandeiras (conclusão)	30/31
Página do leitor	33

NOSSA CAPA:

A "estrêla" que embeleza a capa desta edição chama-se Doris Day, possui uma voz encantadora e uma legião de fãs divididos entre os que compram seus discos e assistem a seus filmes, e aquêles que sòmente admiram suas gravações.

Doris Day vai aparecer na película "Paris em Abril", tendo assinado, recentemente, um novo contrato com os estúdios da Warner, devendo aparecer em um musical pelo processo da Terceira Dimensão, colorido pela Warnercolor.



Fundada em 1921
Propriedade da
COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA

Diretor
Gratuliano Brito

Publicidade — **Severino Lopes Guimarães**

Endereço: Rua Visconde de Maranguape, 15 — Lapa — Rio de Janeiro — Brasil

TELEFONES:

Publicidade	22-9570
Redação	22-1417
Gerência	22-8647
Administração e Contabilidade	22-2550
Portaria	22-5602

Endereço Telegráfico: "REVISTA"

Representante nos Estados Unidos da América do Norte: Dulce Damasceno de Brito. 1818, N. Whitley — Av. — apt. 202, Hollywood, 28. California.

EM S. PAULO:

Distribuição e Venda: A. Zambardino. Rua Capitão Salomão, 69. Telefone: 34-1569.

Publicidade: J. Gomes Bastos. Rua Barão de Itapetininga n. 224 — 6.º andar — Sala 60.

PREÇOS:

Número avulso em todo o território nacional	Cr$	4,00
Número atrasado	Cr$	4,50
Assinatura anual (52 números)	Cr$	200,00
Assinatura semestral (26 números)	Cr$	100,00
Assinatura anual sob registro	Cr$	230,00
Assinatura semestral sob registro	Cr$	120,00
Assinatura para o estrangeiro, anual	Cr$	350,00
Assinatura para o estrangeiro, semestral	Cr$	180,00

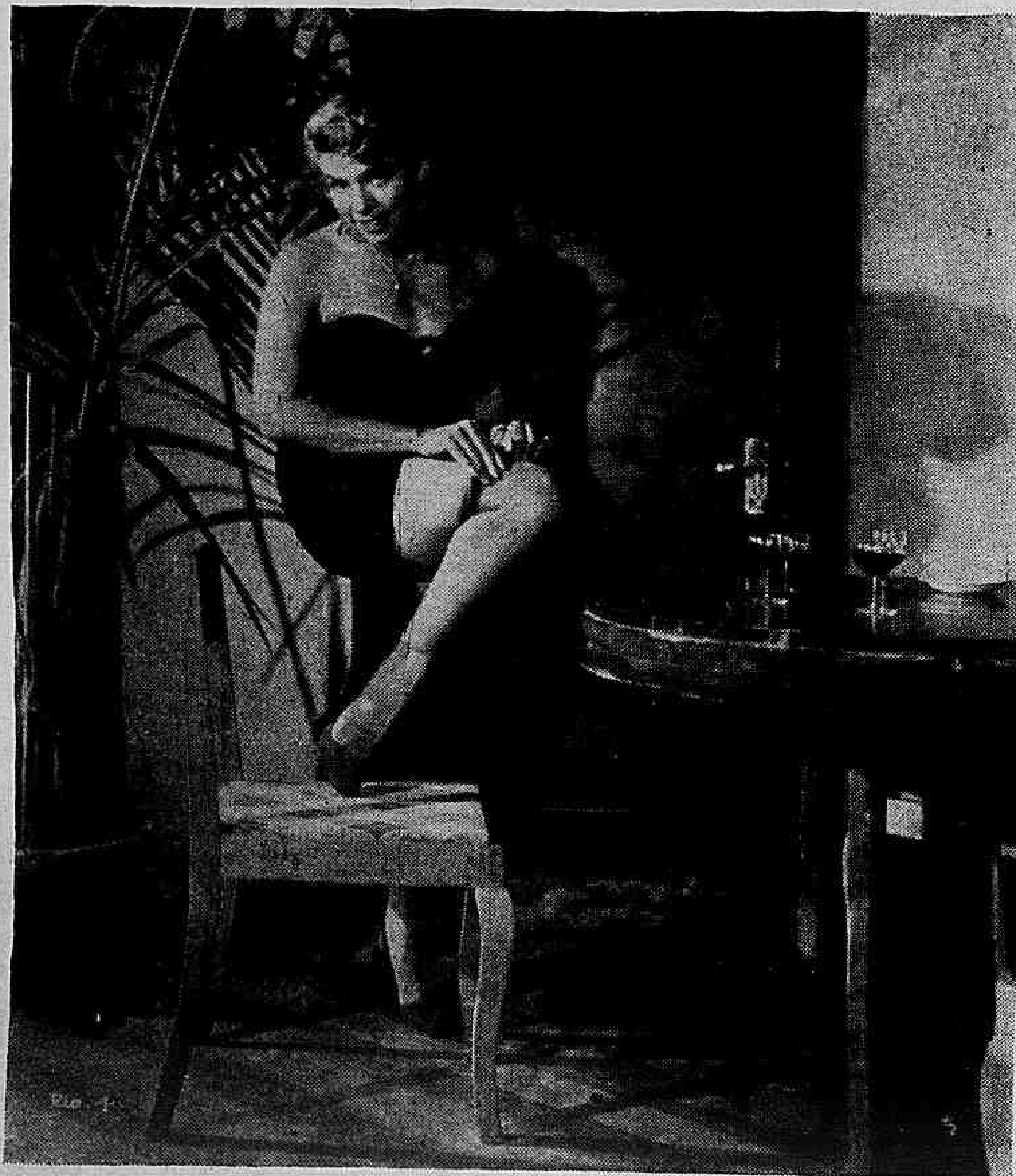
a Vida do Cinema



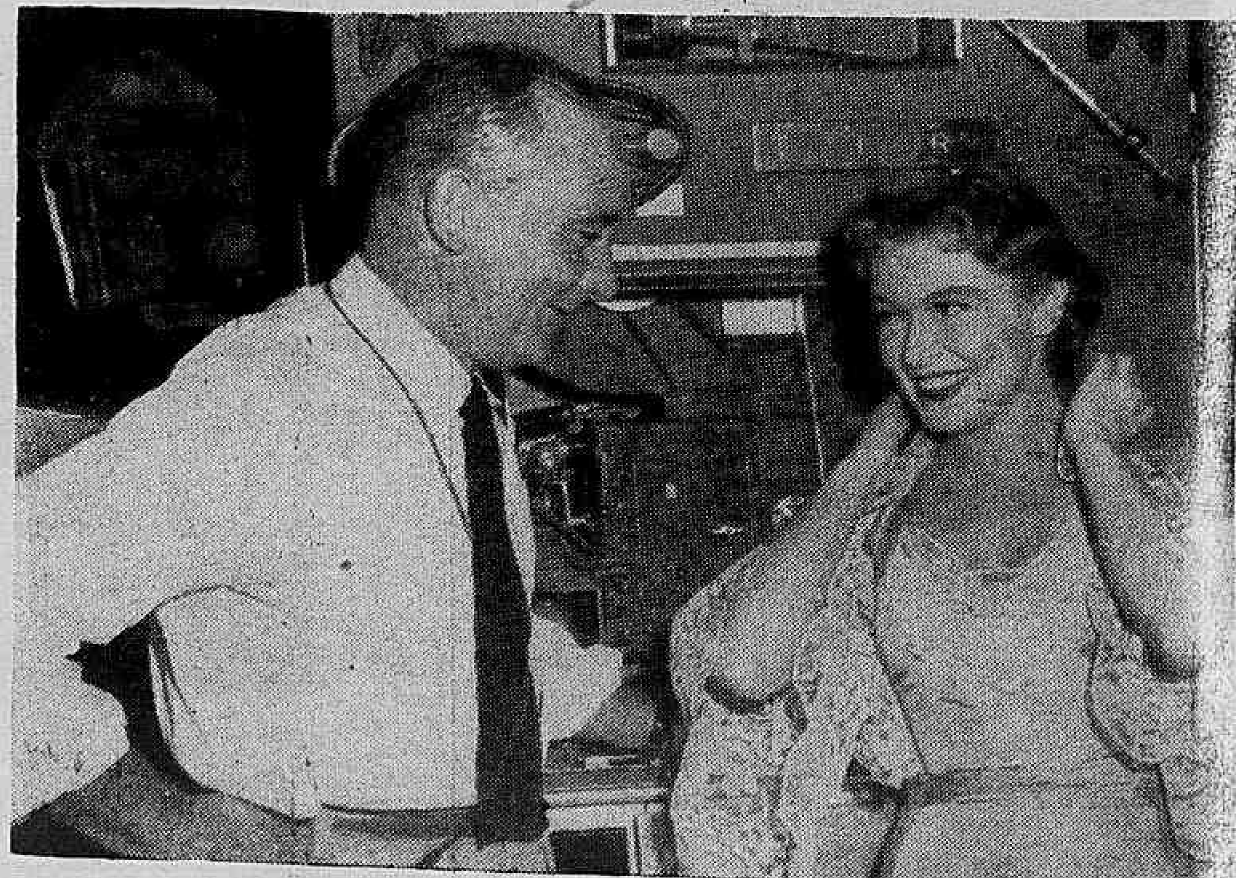
John Wayne aproveita um dos intervalos de filmagem de "Aventura Perigosa", para visitar o santuário sagrado dos hawaianos onde repousam os restos mortais de antigos monarcas. "Aventura Perigosa" é o primeiro filme inteiramente filmado em Honolulu, mostrando as belezas de Waikiki. A "estrêla" é Nancy Olson. (Foto Warner)



Joan Crawford sempre foi querida nos estúdios pelo seu gênio comunicativo. No flagrante, a "estrêla" ao lado do "camera-man" Charles Lang, no momento em que êste cortava o bôlo comemorativo de mais um aniversário seu, passado no "set" de "Precipícios D'Alma", a mais recente película de Joan. Não é preciso dizer que Joan comeu o primeiro pedaço do bôlo... (Foto RKO).



Ninon Sevilla, a quem os fãs brasileiros chamam a "namorada do Brasil", fêz questão de posar para êle entre uma cena e outra de seu filme "Aventura no Rio", terminado recentemente no México. Reparem que ela está usando um cordãozinho com uma figa, que levou do Brasil. "Aventura no Rio" é uma película mexicano-brasileira, primeira de uma série a ser realizada com Ninon Sevilla. (Foto Pelmex)



Malu Gatica, "estrêla" mexicana, radicada em Hollywood, conversa animadamente com o "camera-man" Charles Lawton, num intervalo das filmagens de "Capitain Blood Fugitive", outro filme sôbre o célebre pirata. O novo filme sôbre Blood é em tecnicolor, com Luois Hayward no papel anteriormente vivido por Errol Flynn, recordam-se? (Foto Columbia)

CINEMA NACIONAL EM FOCO

DE BÔCA EM BÔCA...

A MAIOR "bomba" da semana foi a notícia (ainda não confirmada) da paralização total das filmagens de "Rua sem Sol", o filme dos casos...

Primeiro foi a eliminação da jovem "estrêla" Patrícia Lacerda do elenco, e agora êsse acontecimento, deveras lamentável.

Os motivos porque "Rua Sem Sol" não vai continuar, segundo consta no bêco dos venenos, são de ordem financeira. Geralmente quando um filme é planejado sem bases concretas, acontece isso...

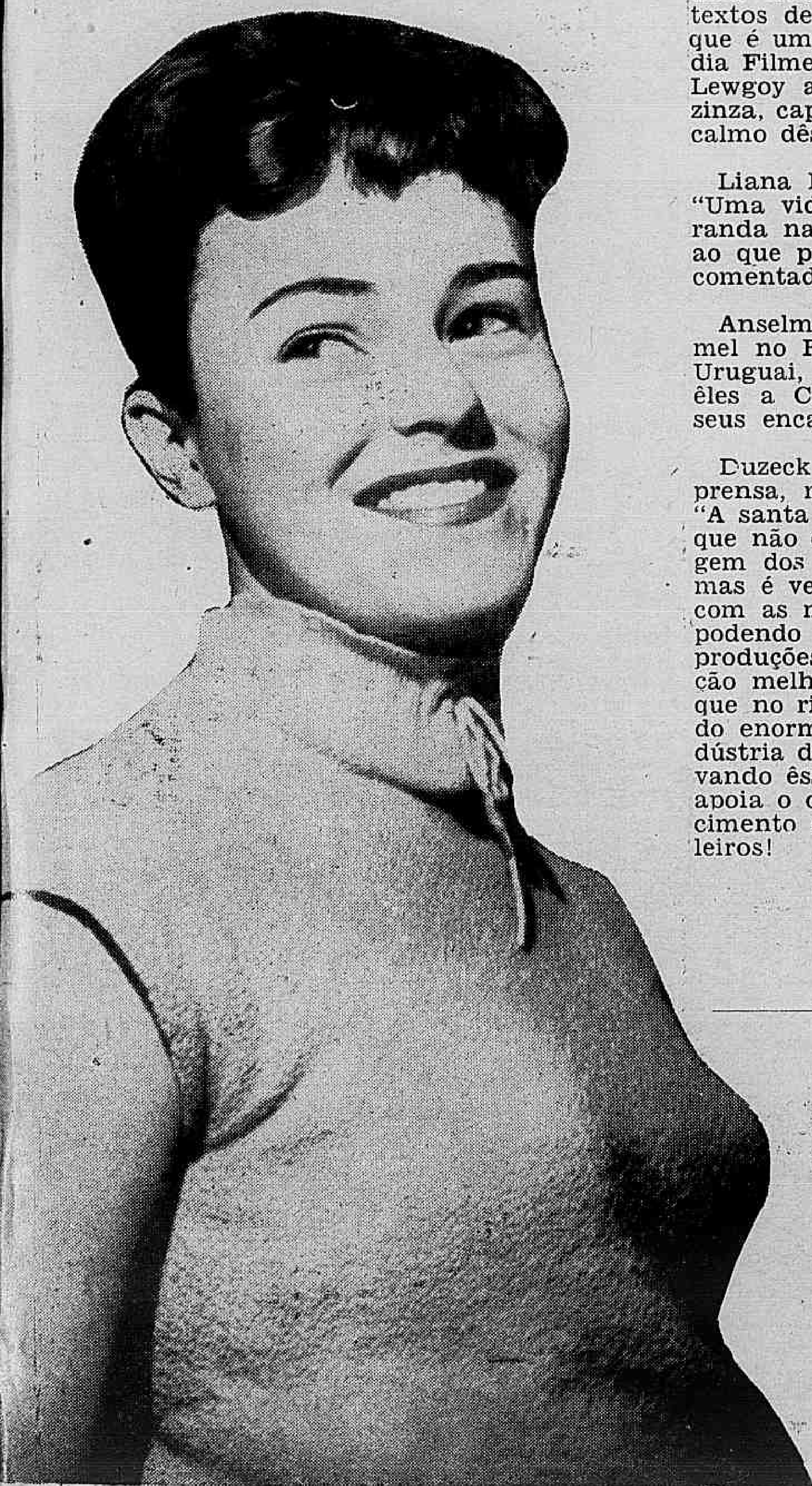
★

"A Vera Cruz vai exibir seus filmes no estrangeiro — diz Franco Zampari, presidente da produtora paulista, ao regressar de uma viagem pela Europa, onde tomou parte na Convenção da Columbia International, companhia americana que se encarregará da distribuição.

★

Lima Barreto acomodou-se na Vera Cruz, dizendo aos amigos, no Nick Bar: "A Vera Cruz precisa de Lima Barreto; Lima Barreto precisa da Vera Cruz".

O Diretor de "O Cangaceiro" casa-se mesmo a 23 do corrente com a jovem atriz Araçary de Oliveira e revela possuir na cabeça, mais de cinqüenta argumentos que pretende realizar nos próximos anos...



★

Salvyano Cavalcânti de Paiva, jornalista de "Manchete", escreveu um ensaio sôbre "O Gangster no cinema", obra a ser editada pela Casa do Estudante. Mais um livro para enriquecer a cine-literatura brasileira...

★

"Vidas em jôgo" será a próxima produção da Atlântida. O argumento escrito por Jorge Ileli e Iolandino Maia, sofreu novo tratamento do Diretor Ileli, não tendo ainda elenco escolhido.

A direção, dando-se crédito aos "constas", será entregue ao próprio Ileli, devendo as filmagens serem iniciadas nos primeiros dias de agôsto.

★

Vários artistas que tomaram parte no inacabado "Balança, mas não cai", da produtora Mauá, estão processando aquela companhia por falta de cumprimento dos conratos assinados. E' um caso para ser investigado, o que será feito por nós, ainda esta semana.

★

Parece que José Lewgoy não gostou de uma frase de propaganda lançada nos textos de "Os três recrutas". Nesse filme, que é uma co-produção Atlântida-Cinelândia Filmes, com direção de Eurides Ramos, Lewgoy aparece como um sargento ranzinza, capaz de enlouquecer o recruta mais calmo dêsse mundo...

★

Liana Duval que fazia na Multifilmes "Uma vida para dois", com Armando Miranda na direção, pediu licença a Civelli, ao que parece, para descansar. O fato foi comentadíssimo no Nick Bar...

★

Anselmo e Ilka estão gozando sua lua de mel no Rio, depois da viagem feita ao Uruguai, passando por Buenos Aires. Para êles a Cidade Maravilhosa ainda tem os seus encantos...

★

Duzeck não pôde ainda fornecer à imprensa, material fotográfico de seu filme "A santa de um louco", simplesmente porque não existe papel na praça para copiagem dos negativos. Pode parecer incrível, mas é verdade. Sofre o cinema brasileiro com as medidas restritivas da Cexim, não podendo divulgar convenientemente suas produções. Vamos aguardar que a situação melhore dentro de alguns meses, porque no ritmo que vai, acabará prejudicando enormemente o progresso de nossa indústria de filmes, e conseqüentemente, privando êsse público enorme que prestigia e apoia o cinema nacional, de tomar conhecimento do que se faz nos estúdios brasileiros!

Dizia-se no Nick Bar que Margot Bittencourt fôra vista conversando com Mário Civelli, o "manda-chuva" da Multifilmes. Tudo indica que a graciosa "estrelinha" brasileira venha a firmar contrato para aparecer nos filmes rodados em Mairiporã. Se a coisa acontecer, prometemos uma ampla reportagem com a saudável Margot.



A Vera Cruz anuncia a chegada de Glenn Ford em meados de julho para filmar "O Americano" em Terceira Dimensão!



Dinah Mezzomo continua aguardando "chance" nos estúdios da Vera Cruz. "Helena", escrito para ela, por enquanto, ainda é projeto



Vera Nunes, "estrêla" do filme brasileiro "Custa Pouco a Felicidade", está fazendo uma temporada (com sucesso) no teatro!

"A CENA MUDA" REVELA AOS SEUS LEITORES:

O QUE É O CINEMASCOPE



O professor Henri Chretien, inventor do "Cinemascope", estudando os efeitos da lente "hypergonar"

COM a descoberta do Cinerama e seu triunfal lançamento em New York, seguido logo depois do advento da Terceira Dimensão, os leitores desta revista não se cansam de escrever perguntando em que consistem tôdas as novidades anunciadas para dar uma vida nova ao cinema.

Antes de mais nada é necessário explicar que está havendo uma confusão em tôrno dos processos, coisa que aconteceu também quando o cinema começou a falar, até que um dos processos foi padronizado, permanecendo até hoje a serviço de todos os estúdios.

Cinerama — é cinema em relêvo, mas não é Terceira Dimensão, assim como «Cinemascope» nada tem a ver com Cinerama ou Terceira Dimensão, a não ser no ponto que liga todos êles: a idéia de profundidade, de vida, de uma realidade quase palpável.

Na luta cordial que travam os estúdios para o advento de uma nova técnica de filmagem, misturam-se no espírito dos fãs todos os processos, tornando-se útil um esclarecimento.

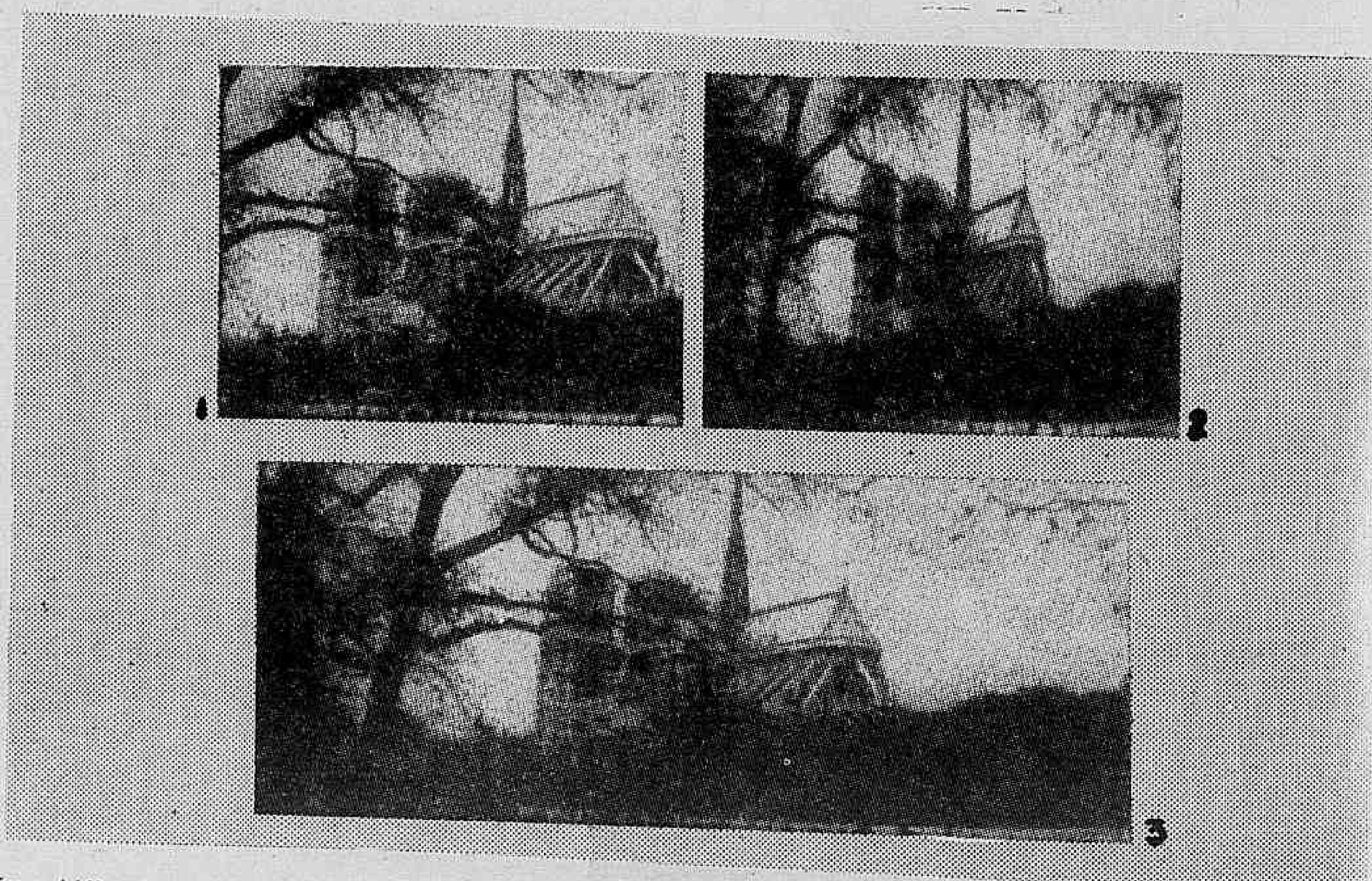
Comecemos com o «Cinemascope», e, à medida que nos cheguem maiores detalhes, cuidaremos dos demais, dando-lhes o destaque merecido.

«Cinemascope» é um invento do cientista francês Henri Chretien, conhecido no mundo inteiro pelos seus trabalhos e sinalização de estradas. Foi êle quem inventou os «catafotos», e em seus setenta e quatro anos bem vividos, tem dedicado seu tempo na procura daquilo que possa contribuir para tornar mais prática e, portanto, menos trabalhosa a nossa existência. O professor Chretien fundou o «Instituto de Óptica de Paris» e datam daí as suas experiências no campo da fotografia, impressionando-se com o valor da imagem e sua retenção pelo ôlho humano.

Mediante um contrato firmado em Paris, o professor Chretien cedeu os direitos de exploração do «Cinemascope» à Fox, exigindo que o primeiro filme feito pelo novo sistema fôsse projetado simultâneamente nos Estados Unidos e na França, o que será feito.

EM QUE CONSISTE O CINEMASCOPE

O Cinemascope compõe-se de uma objetiva especial, a «hypergonar», que colocada diante da «câmara» comprime a imagem horizontalmente sôbre a película onde está sendo impressa, permitindo cobrir, depois na projeção,



Uma idéia de como o "Cinemascope" colabora com o cinema para dar a idéia de relêvo. A gravura mostra como a película comum capta apenas metade da imagem. Com o "Cinemascope" é possível alcançar a imagem no sentido horizontal, numa panorâmica que causa a melhor das impressões

uma tela ponorâmica e dar a impressão de relêvo, que os filmes comuns não conseguem.

O som é registrado em três posições diferentes, sincronizados durante a projeção. O público perceberá a mudança, porque êle será mais nítido, contribuindo para melhor audição.

A tela será côncava, apresentando uma imagem que terá aproximadamente duas vêzes a superfície das atuais, sendo essa impressão panorâmica a maior vitória do «Cinemascope».

O «Cinemascope» é a mais recente e uma das maiores inovações da indústria cinematográfica, destinada a ser aceita pelo público, de maneira irrestrita.

No dizer de muita gente, o cinema não precisaria de outros elementos, senão o som, para continuar mantendo o interêsse do público. Nesse ponto discordam as mais representativas figuras dos estúdios, achando que o cinema não pode esquecer a concorrência de outras atrações, como o teatro, o radio e principalmente a televisão.

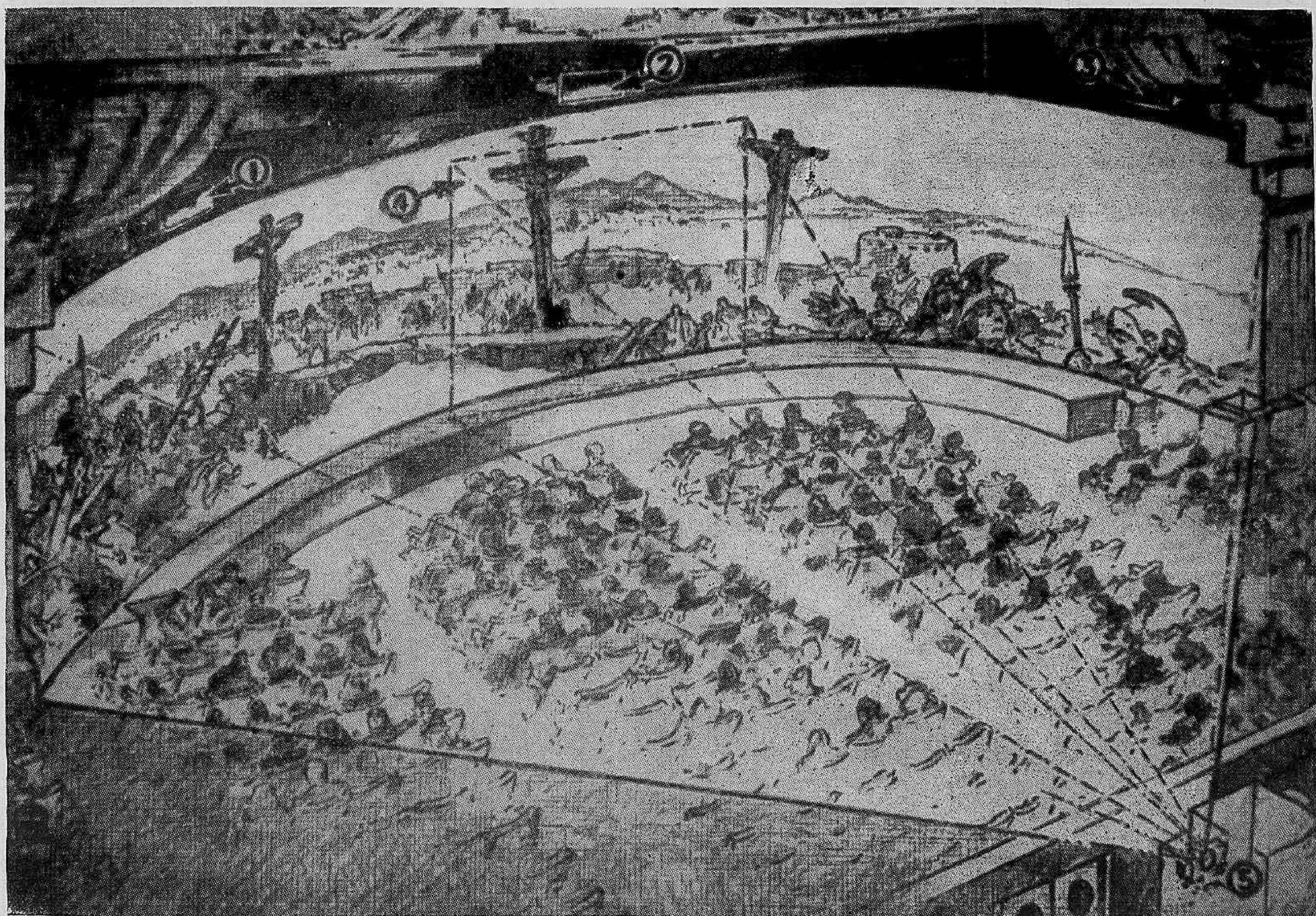
Certo jornalista, chegou a afirmar maldosamente, em sua coluna diária, que a descoberta do cinema em relêvo e a preocupação de seu lançamento o mais rápido possível, era uma prova de que a indústria de filmes carecia de maiores recursos no campo dos argumentos e da direção. Para êle bastava que os enredos dos filmes fôssem atraentes, para que o público afluísse aos cinemas, sem importar-se com tudo mais.

Outro jornalista comentou que os artistas eram mais importantes e que a êles devia o cinema sua glória, seu sucesso, seu próprio dinheiro! Não vamos aqui discutir o mérito de tais opiniões; elas servem apenas para mostrar que o cinema abrindo os olhos, previra seu destino se não tomasse outros rumos.

O surgimento do «Cinemascope» tem sua razão de ser, apesar daquelas afirmativas. O cinema não descuidou jamais de seus artistas, dando-lhes a publicidade merecida. A escolha dos argumentos nunca, na história dessa diversão, foi tão severa. Esquece a maioria que um Código rege os destinos da poderosa indústria, porque assim deve ser. Quando se pensa na influência do cinema junto às massas, é que se avalia o quanto de perigo poderia oferecer um filme que terminasse glorificando o banditismo, o roubo, a ambição desenfreada, o crime sem castigo!

Quando os italianos entraram no mercado internacional com seus filmes «realistas», foram endeusados imediatamente como descobridores de técnica nova, humana, capaz de dar ao público aquilo que êle mais desejava e ainda deseja: ter emoções!

Esquema explicativo, demonstrando a projeção de uma cena grandiosa do filme "The Robe" (O Manto Sagrado), produzido pela Fox, pelo sistema francês "Cinemascope". O som estereofônico, bem diferente do que ouvimos hoje, torna-se possivel por causa dos três auto-falantes (Ns. 1, 2 e 3), situados atrás da tela. Atualmente o som vem da cabine de onde o filme é projetado. N.º 4 — Comparação da tela convencional (delimitada entre as linhas pontilhadas) com a tela côncava "Cinemascope", dando uma idéia de como o público ganha com a diferença de amplitude visual. Nº 5 — O projetor munido da lente "Cinemascope". As linhas pontilhadas entre o projetor e a tela fazem uma comparação entre a imagem convencional e a imagem "Cinemascope"



O CINEMASCOPE

Mas, o tempo mostrou que o cinema italiano trilhava um caminho já abandonado por Hollywood em anos de experiências amargas até a conclusão palpável dos dias de hoje.

Se os fãs reclamam filmes dramáticos, Hollywood lhes dá filmes dramáticos, mas não esquece os demais que preferem os musicais, as comédias, os filmes de aventuras, os filmes de faroeste, base da indústria quando nos seus primeiros anos.

O aparecimento do «Cinemascope» é a conseqüência lógica de experiências do cinema para não morrer. Há muita diferença entre querer viver, porque se deve e se pode, e deixar-se morrer indiferente.

A tela côncava, permitindo imagens em relêvo, proporcionará aos espectadores sensações jamais sentidas. A sêde de viver com os artistas da tela, os dramas de todos nós, artistas de carne e osso, vai ser possível. Aí está o «Cinemascope»!

FALA O PRESIDENTE DA FOX:

Podemos dizer, sem exagêro, que nunca tivemos a oportunidade de apresentar um divertimento com tão grande realismo, com tamanha magnitude de exprêssão e ilusão tri-dimensional, a qual proporciona aos espectadores a impressão íntima de participar do espetáculo, quer nos grandes, quer nos pequenos cinemas.

A 20th Century-Fox adotou o CINEMASCOPE com irrestrita fé, tendo a certeza de que o referido sistema é um meio de unir a capacidade criadora de nossa Indústria aos aperfeiçoamentos técnicos, permitindo assim, apresentar melhores filmes coloridos em CINEMASCOPE, a começar pela produção «The Robe».

Os que já viram o CINEMASCOPE, acham que o mesmo tem extraordinárias vantagens e é de grande simplicidade, não só na apresentação de filmes de grande espetáculo, vistas externas e cenários amplos, mas também transmite uma sensação de maior realismo e nos transporta à intimidade das cenas.

DIZ O PRODUTOR ZANUCK

Talvez não seja supérfluo dizer aqui algo sôbre os diversos meios atualmente usados para a obtenção dos efeitos de terceira dimensão. Acreditamos que processos estereoscópicos que dependem sòmente do uso de óculos, embora apresentando um elemento de novidade, não poderão manter o interêsse do público, indefinidamente. Precisamos de uma novidade mas que possua qualidades sólidas e permanentes.

O CINEMASCOPE possui estas qualidades com a sua ilusão tri-dimensional, além de suas outras grandes vantagens. No inicio, o CINEMASCOPE desfrutará das vantagens de novidade, porém seu êxito dependerá dêste fator.

Nós, os produtores, temos as vantagens de aproveitar todos os elementos fascinantes acima descritos e mais ainda, o estímulo de aplicar, no máximo, êste sistema revolucionário, com seus melhores meios para apresentar um enrêdo de maneira jamais conhecida até agora no cinema.

Concordo plenamente com os comentários de que o enrêdo é elemento básico e que os astros ainda são importantes. O CINEMASCOPE não substitui um bom enrêdo nem um bom ator. Porém, o CINEMASCOPE nos oferece meios muito mais amplos para desenvolver o enrêdo e ao mesmo tempo permite aos atores maior alcance para seu talento.

O PRIMEIRO FILME DA FOX PELO CINEMASCOPE

Encontra-se em fase final de lançamento o primeiro filme produzido pela Fox, utilizando o invento francês do professor Chretien.

Foi escolhida a famosa obra «The Robe» (O Manto Sagrado), de Lloyd Douglas, uma espécie de epopéia dos cristãos através de um mundo repleto de incompreensão e de maldade.

Até agora não é possível revelar maiores detalhes sôbre êsse filme, ficando a promessa de voltarmos ao assunto do «Cinemascope» e da primeira película por êle filmado, muito breve.

OS ARTISTAS OPINAM:



SHELLEY WINTERS:

"Notável! E' como estivéssemos assistindo a um grande "show" sentados em pleno palco. E' verdadeiramente notável!

WILLIAM HOLDEN:



"Até o presente momento fizemos . filmes de expressão apagada. O "Cinemascope" mostrou-nos um campo inteiramente novo em arte e expressão e, daqui por diante. eu hesitaria em fazer qualquer filme sem considerar sèriamente êste novo método."



JUDY GARLAND:

"Achei o "Cinemascope" uma coisa maravilhosa e de uma possibilidade tremenda!"

OUTRAS OPINIÕES:

Dore Schary, Diretor de Produção da Metro: "E' maravilhoso e estarrecedor". Dentro de poucos dias faremos a nossa decisão quanto ao primeiro filme da Metro a ser produzido pelo sistema "Cinemascope".

★

William Goetz, diretor de produção da Universal: "Além de ser tremendamente interessante, é motivo de grande estímulo".

★

Brian Fox, produtor da Warner: "E' dos maiores passos avante na história do Cinema".

★

Stanley Kramer, famoso produtor: "Fiquei tremendamente impressionado. Estou muito entusiasmado quanto às suas possibilidades".



CINE-VARIEDADES

UM ASTRO MUITO AMBICIOSO

VARIAR é tão importante para Steve Cochran como comer diàriamente. Sendo assim, andou pensando que seria bom experimentar mais alguma coisa, decidindo-se pela aviação. Êle, que já possui um barco, um automóvel e uma bicicleta, vai adquirir agora um possante avião, para cortar os céus de Hollywood em busca das estrêlas» de verdade...

Os colegas de Steve Cochran sabem que êle não desiste de uma idéia fàcilmente. O astro começou a tomar lições de pilotagem e não tardará o dia em que reclamará do estúdio um papel de acôrdo com suas habilidades aviatórias, tão ambicioso e audacioso êle é quando se trata de mudar de ares...

●

O NOVO FILME DE CARMEM MIRANDA

Ataretadíssima com seus contratos, Carmem raramente encontra tempo para filmar. Ela acaba de fazer uma comédia com dois malucos da tela: Jerry Lewis e Dean Martin. O título dá uma idéia do argumento: «Morrendo de Mêdo».

Falando aos jornalistas, Carmem disse estar muito contente com o filme, esperando que êle faça sucesso no Brasil.

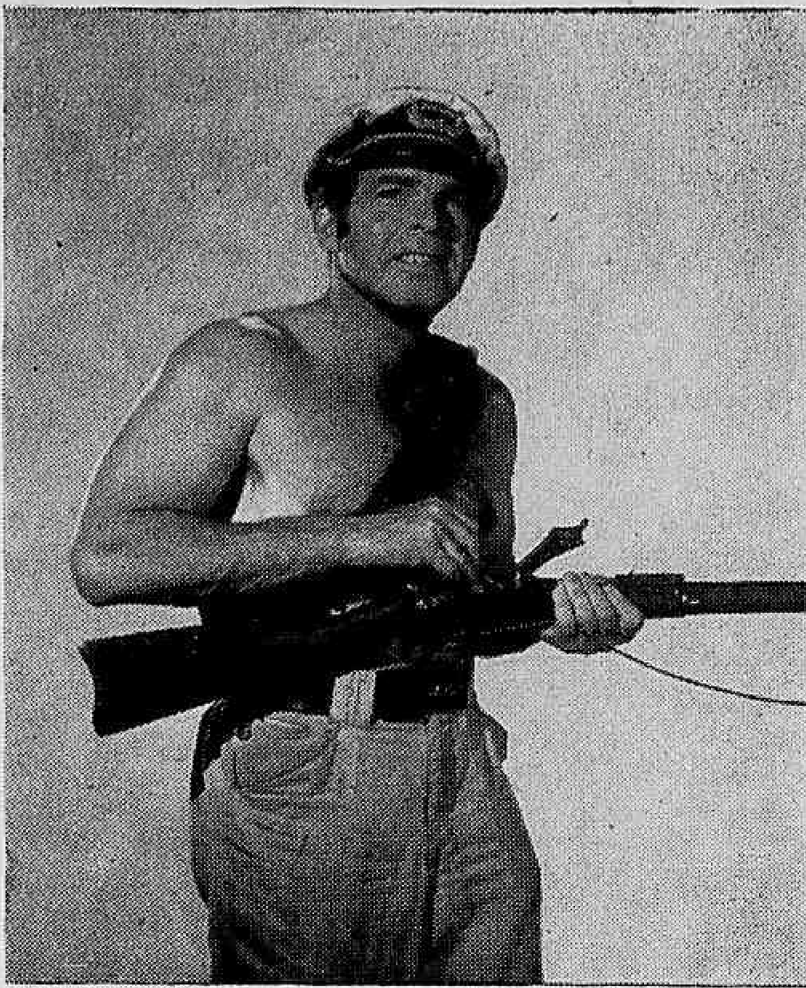
●

ÊXITO DE UMA DUPLA

Tudo parecia indicar que Fernando Lamas formaria uma dupla com Lana Turner, mas depois de um ardoroso romance a coisa foi desfeita de maneira imprevista, passando o «galã» argentino a amar outra «estrêla».

Chama-se Arlene Dahl, e ao lado de Fernando Lamas vem de fazer um filme em Terceira Dimensão, «Sangaree», ao mesmo tempo que seu namôro com o querido astro serve de comentários a tôda a imprensa do mundo.

Lamas e Arlene foram convidados agora, para filmar outro celulóide em 3D, confirmando dêsse modo que a dupla faz um sucesso inegável...



Fred Mac Murray parece que dessa vez deixou a comédia, onde sempre foi um "astro", para tentar gênero novo. Fêz para a Republic, "Escuna do diabo", protagonizando um herói que vai empolgar os fãs dos filmes de aventuras!

●

RITA E OS TOUROS

Produtores espanhóis pensam em produzir um filme sôbre touros baseado num livro famoso, sendo certa a escolha do astro francês Daniel Gelin, para tomar parte na película.

Rita Hayworth seria convidada para o papel principal, levando-se em conta seu interêsse pelas touradas...

L U Z E S ! C A M E R A ! A Ç Ã O !



Enquanto o técnico ajusta o microfone, Broderick Crawford e Claire Trevor conversam com alguns "extras" num intervalod as filmagens de "Assas sinatos em profusão", comédia da Warner

Notícias dos Estúdios

DA UNITED ARTISTS

O presidente da United Artists, Arthur B. Krim, concedeu uma entrevista aos jornalistas, anunciando que sua companhia tem programa para sessenta e cinco produções, trinta e duas delas coloridas.

Referiu-se ao sucesso de «Moulin Rouge», o novo espetáculo dirigido por John Huston, com José Ferrer no papel do pintor Tolouse Lautrec.

Disse que estão trabalhando em seus estúdios astros de primeira grandeza como Gregory Peck, Gary Cooper, Humprhey Bogart, Jennifer Jones, Kirk Douglas, Errol Flynn, Paulette Goddard, Yvonne de Carlo, Edward G. Robinson, John Payne, Gene Tierney, William Holden e Van Heflin.

Citou os nomes de algumas películas já prontas e a estrear. Foram elas: «A Ilha do Desejo», um tecnicolor com Linda Darnell e Tab Hunter, revelação masculina de Hollywood.

«Rio Sagrado», primeiro prêmio no Festival de Veneza de 51, um tecnicolor inteiramente filmado na India, com direção do famoso Jean Renoir.

«Luzes da Ribalta», a tão esperada comédia de Charles Chaplin.

«Bastidores e Pecadores», escrito, produzido e dirigido por Ben Hetch, com Edward G. Robinson e Marsha Hunt.

DA METRO

Arthur M. Loew, presidente do Departamento Internacional da M.G.M., anunciou que todos os cines Metro do mundo, farão uso brevemente de uma tela de grandes proporções que dará dimensões panorâmicas aos filmes.

A primeira película para o Brasil, que será exibida na tela panorâmica, estudada e realizada nos estúdios da Metro, será «Viúva Alegre», a opereta de Lehar, com Lana Turner e Fernando Lamas, filmada em tecnicolor.

A Metro fêz uma experiência com sua nova tela, exibindo «Ivanhoé». O sucesso foi além da expectativa!

DA RKO-RADIO

Jean Simmons, a bela e sensível «estrêla» inglêsa, mal terminou a filmagem de «Androcles e o Leão», iniciou «Bonita e Audaciosa» e «Alma em Pânico», simultâneamente.

Howard Hill, o famoso arqueiro, é o produtor e protagonista do filme «Tembo, o dominador das selvas», que foi filmado em tecnicolor no coração da África, numa das freqüentes caçadas de Hill no Continente Negro.





John Riggs conhece Nora, gerente do hotel, acabando por apaixonar-se...



Descoberto pelos falsificadores, Riggs é severamente punido, e por pouco não encontra a morte!

PERSONAGENS:

John Riggs	DON DeFORE
Nora Craig	ANDREA KING
Reggie	GEORGE TÒBIAS
Evans	BARRY KELLEY
Eugene Deane	MORRIS ANKRUM
Albert	ROBERT OSTERLOH

Direção de BORIS INGSTER
Uma produção MONOGRAM PICTURES

ARGUMENTO:

Eugene Deane, conhecido falsificador é recolhido à Penitenciária do Estado, onde acaba encontrando um meio de continuar suas atividades ilícitas. Consegue fazer a matriz de uma nota de dez dólares, passando-a para os componentes de seu bando, e em breve o país está cheio de notas falsas.

Para investigar o caso é designado o Agente Secreto John Riggs, que interroga Deane, sem obter uma confissão. Finalmente, a polícia prende um dos falsificadores que acusa um tal Evans de chefiar a quadrilha. Êle é prêso e sôlto logo depois, ao depositar a fiança. Quando preparava sua fuga para o México, é assassinado pelos membros da quadrilha.

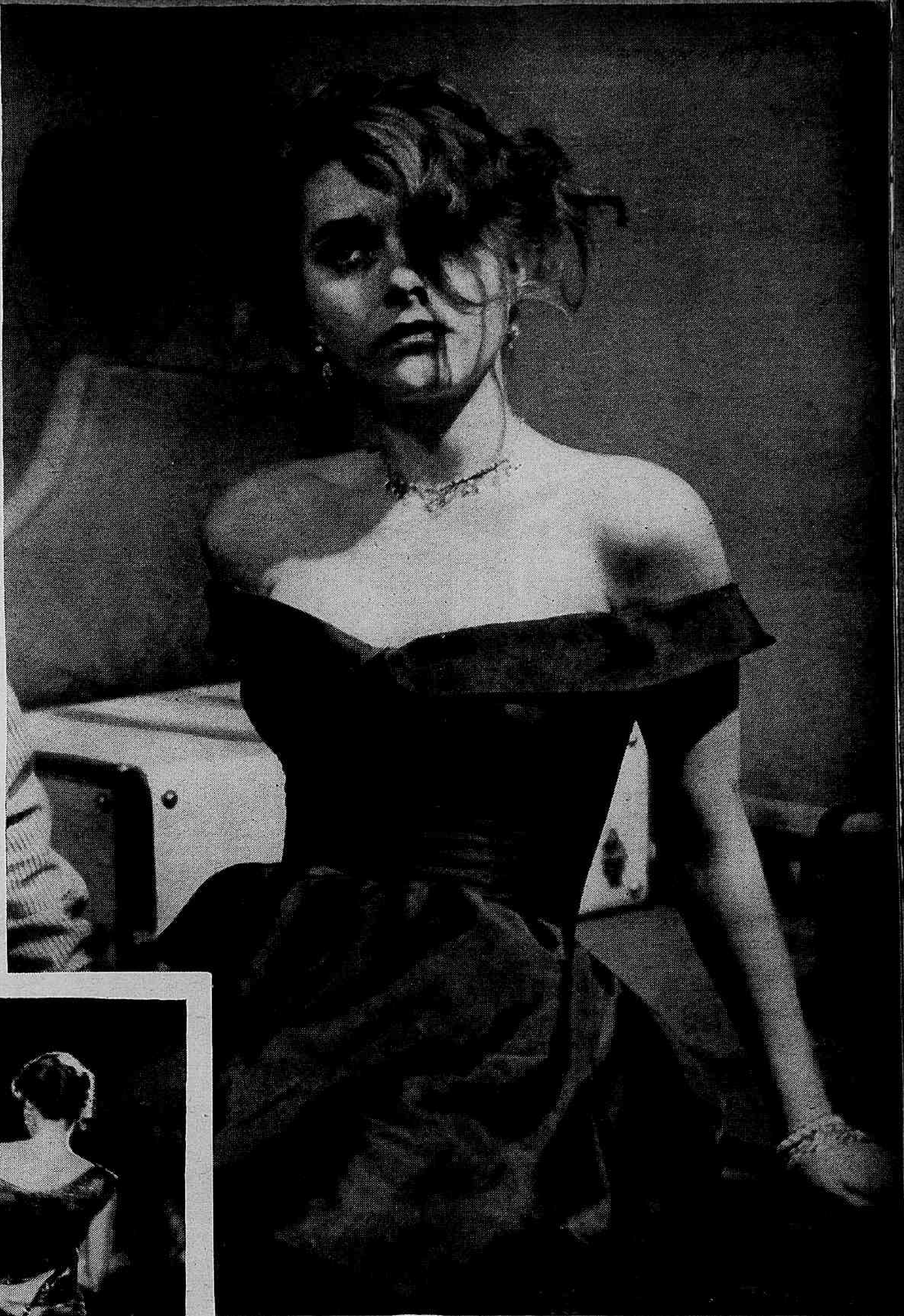
Riggs resolve agir a seu modo e disfarçado segue pára o hotel que Evans possuia, encontrando alguns falsificadores aos quais oferece comprar quinhentos mil dólares falsos. Conhece, então, Nora Craig, gerente do hotel, nascendo um romance entre êle e a moça.

Enquanto isso Deane logra escapar da penitenciária para juntar-se ao resto do grupo. Ferido durante a fuga, não resiste e morre na presença de Riggs. Dias mais tarde Riggs descobre que Nora é filha de Deane, verdadeiro chefe da quadrilha. No momento em que o agente prepara a troca das notas falsas é desmascarado, sendo fortemente atado a uma coluna do galpão, que os bandidos incendeiam antes de sair.

Riggs é salvo depois por outros agentes que conseguem eliminar os falsificadores, menos a Nora que aterrorizada, jogara-se ao rio, encontrando morte horrível!

Com ela foi diferente...

A SORTE DEU-LHE UM PONTA-PÉ...



ESTA revista já registrou tôdas as maneiras possíveis de se ingressar no cinema, mas o que aconteceu com a "new-face" Eleanor Todd, foi simplesmente original!

A pequena, como muitas outras, aguardava sua vez em Hollywood, até que surgiu um papel em uma película de Jerry Wald e Norman Krasna.

Eleanor seria a rival, no filme, de Susan Hayward, tentando roubar-lhe, nada mais, nada menos que Robert Mitchum, o sonolento e famoso galã da tela.

Tudo combinado, o filme começou até o dia da seqüência que influiria na carreira da jovem e talentosa Eleanor. Susan Hayward aplicou-lhe uma cena, é claro, um ponta-pé, e desde então, ela ficou famosa!

A jovem "estrêla" tem recebido várias propostas para filmar novas películas, o que evidencia o seu cartaz!



Duas poses da novata e já famosa Eleanor Todd, a mais recente sensação de Hollywood! — Em baixo: a seqüência que tanto deu o que falar: Susan Hayward aplica em Eleanor o discutido ponta-pé, numa atitude original que provocou inúmeros comentários. Quem lucrou com o ponta-pé foi a jovem "estrêla" Eleanor, desde então cobiçada por vários produtores. A cena é do filme "Paixão de Bravo" (The Lusty Men) que Jerry Wald e Norman Krasna produziram. (Fotos RKO)

A maioridade do cinema brasileiro é coisa que não se discute, tão real e palpável ela é. Assim, não surpreende que o nosso cinema procure incursionar por gêneros diversos, chegando agora ao desenho animado.

Anelio Latini Filho, um jovem artista, é o realizador do primeiro desenho animado brasileiro, de longa metragem, alcançando com êsse trabalho elogios da crítica e de convidados, numa "pré-estréia" realizada há algumas semanas.

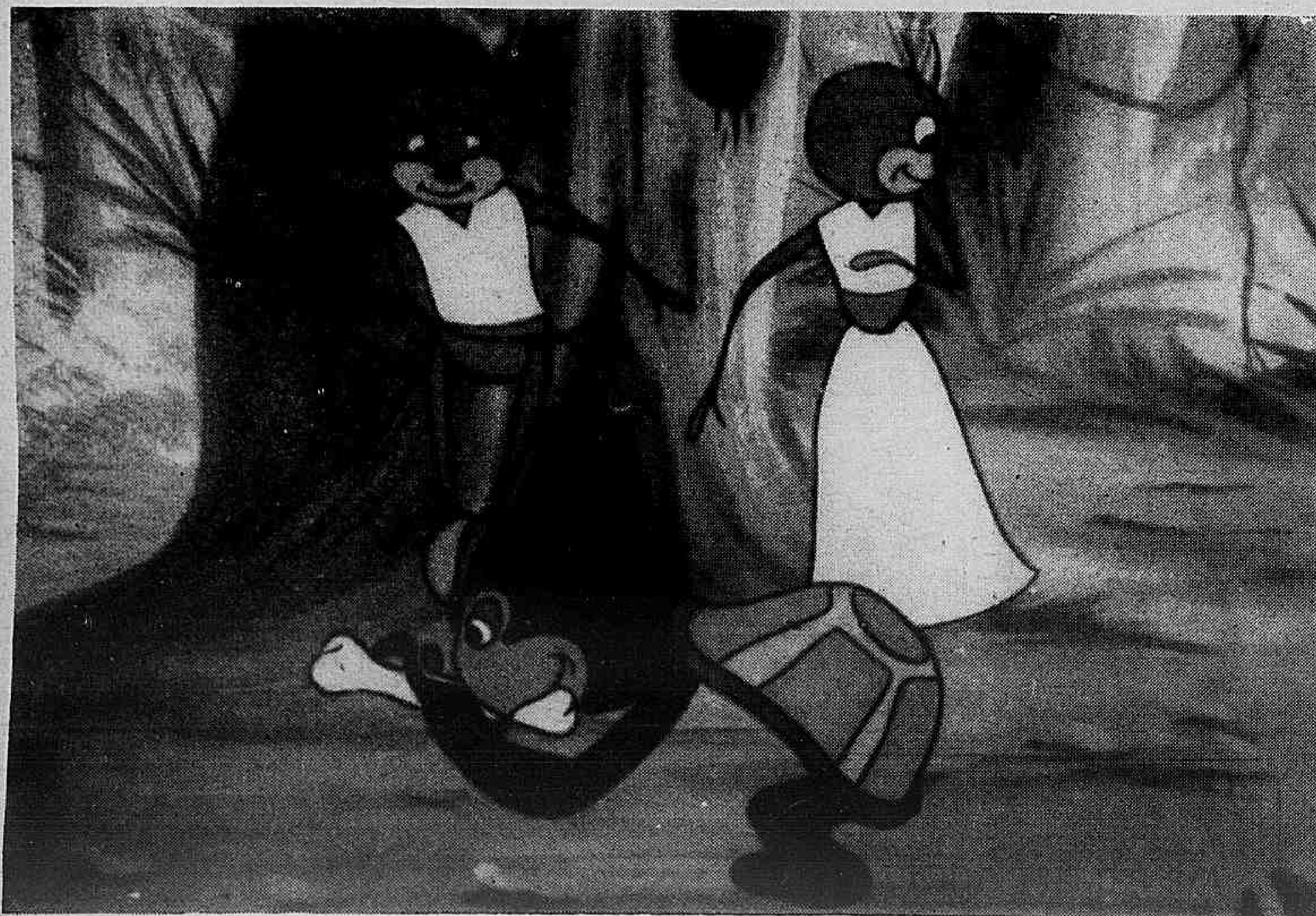


VAI ESTREAR

"SINFONIA AMAZÔNICA"

O PRIMEIRO DESENHO ANIMADO FEITO INTEIRAMENTE NO BRASIL!





"Sinfonia Amazônica", título do primeiro desenho animado feito inteiramente no Brasil, reúne lendas de nossa terra, e seus personagens vivem em função dessas histórias ingênuas, sim, porém, fascinantes!

"Sinfonia Amazônica". segundo o próprio Anelio Latini, é apenas a primeira amostra do que êle pretende fazer no camdo do desenho animado, e êle aguarda tão sòmente o lançamento do seu filme, para dar início a outro, no qual espera levar menos tempo. Com a experiência de "Sinfonia Amazônica", êle reuniu elementos capazes de facilitar, mais tarde, uma produção contínua e normal, oq ue não deixa de ser uma notícia agradável para os "fans" do cinema brasileiro!

CINE-ROMANCE:

O Castelo do Pavôr



NOS primeiros anos do século XVII, um jovem político inglês, Sir Ronald Burton, resolveu seguir seu espírito aventureiro, e comunicou aos amigos mais intimos:

— Parto para a África dentro de uma semana...

Houve um murmúrio de espanto na roda de companheiros de Sir Ronald, e um dêles aventurou-se a perguntar:

— E porque deixa todo o nosso luxo para embrenhar-se nas matas infestadas de perigos?

Sir Ronald sorriu com indulgência pela ingênuidade do amigo e explicou em tom confiante:

— Amor à Pátria... coisa que vocês não conhecem...

Brincava, naturalmente, com os amigos. Mas, se a curiosidade era grande até aquêle instante. cresceu depois da frase dita com tanta segurança. Êle tinha obrigação de ser mais claro em suas intenções. Foi o que fêz com visível satisfação:

— Vocês decerto conhecem o valor do marfim para a nossa riqueza... Eu vou fundar uma companhia para mandar de lá êsse precioso tesouro...

Ali mesmo traçou um mapa da viagem. Dias mais tarde, conforme prometera, embarcou com seu grupo rumo ao coração da África.







Entre Sir Burton e a jovem e linda Elga nasceu um amor, e tão forte êle era, que enfrentou tôdas as maldades do perverso conde Bruno

Universal-International
apresenta:

"O CASTELO DO PAVOR"
(THE BLACK CASTLE)

PERSONAGENS:

Sir Ronald Burton ... RICHARD GREENE
Conde Von Bruno ... STEPHEN McNALLY
Elga .... PAULA CORDAY
Dr. Meissen ... BORIS KARLOFF
Gargon .... LON CHANEY
Herr Stieken ...... JOHN HOYT
Herr Von Melcher ... MICHAEL PATE
Direção de NATHAN JURAN

Aguardava-o porém uma surprêsa. O marfim que êle tanto desejava trazer, estava confiado à guarda dos nativos, e êsses obedeciam cegamente as ordens de um homem, opulento e malvado: Conde Bruno, nobre austríaco de péssimo caráter, visivelmente empenhado em evitar que os inglêses conseguissem êxito na expedição.

A Africa era para Burton, e seus companheiros de jornada, um denso mistério. As noites pareciam longas demais, ameaçadoras com os sons selvagens que partiam da selva, juntando-se ao cântico dos nativos, cada vez mais desconfiados e perigosos.

A influência nefasta do Conde Bruno era uma barreira difícil de vencer. Sir Burton sabia disso. As lutas entre a expedição e os selvagens começaram a ser freqüentes, e como Burton desconfiava, Bruno comandava as hordas nativas para a luta mais sangrenta, tingindo de rubro a selva verde e hostil.

Burton decidiu regressar antes que fôsse tarde, odiando Bruno pelo seu procedimento covarde, pois escudando-se na amizade com os nativos, empenhava-se em destruir os planos dos inglêses, o que conseguia, infelizmente.

Se alguma vez. Sir Burton tivesse encontrado Bruno em sua frente, teria sido capaz de justiçá-lo convenientemente.

Voltou desolado com o fracasso da expedição e muito mais com a morte de dois amigos. Bruno convidara-os para uma caçada nas cercanias de seu palacete em Viena. Fôra a última vez que tivera notícias dêles. Tinha uma secreta certeza de que Bruno era o culpado, vingando-se naturalmente da intromissão dos dois em seus negócios escusos com os nativos.

Ao pisar outra vez me sua terra, Sir Burton estava com o firme propósito de investigar a morte dos dois amigos, a conhecer até que ponto ia a maldade de Bruno.

Fazendo valer influências diplomáticas, êle consegue tempos depois um convite de Bruno para visitar seu castelo, que embora seu aspecto exterior não dissesse, era por dentro uma fortaleza. Bruno cuidava bem de seus inimigos, armando-se para tôdas as eventualidades.

A viagem para o castelo de Bruno corria sem muitas novidades e Sir Burton teria desembarcado livre de qualquer aborrecimento, não fôsse a insolência de dois cavalheiros, Herr Von Stieken e Von Melcher, ambos com interêsses junto ao Conde. E' preciso esclarecer que Sir Burton trocara seu nome para Ricardo Beckett, aproveitando a circunstância de Bruno não o conhecer. Seria melhor para as suas intenções no castelo.

Burton viu-se então obrigado a revidar as provocações e aceitou uma luta de desagravo. Vence os insolentes com rara facilidade, tão hábil êle é nos duélos. O conde Bruno vindo a saber da história, chama seu fiel criado Gargon, um monstro nas atitudes e nas feições.

— Gargon... nosso novo hóspede, Ricardo Beckett deve ser vigiado cegamente, entendeu?

A resposta de Gargon foi um grunhido feroz. Gargon obedecia tôdas as ordens de seu amo, importando-se pouco em dilacerar suas vítimas.

★

Quando Sir Burton chega ao castelo de Bruno compreende logo que vai-se envolver na mais tremenda aventura de sua vida. Mas êle não teme as aventuras, pelo contrário, adora ter emoções.

E' recebido por Fender, uma espécie de mordomo, com quem não simpatiza. Sua vontade seria dizer o quanto êle lhe aborrece, mas prefere silenciar. No íntimo desconfia de Fender, muito mais quando conhece Gargon. A impressão que lhe causa Gargon, é de estar diante de um animal acuado, sempre pronto a atacar. O homem não fala, não ri, olha apenas. Em seu olhar existe sempre um brilho estranho e sua bôca parece querer proferir uma ameaça de morte. Gargon não desmerece seu amo.

O conde Bruno, era como pensava Ronald, uma hiena humana. Um monstro, que estudado convenientemente, seria encerrado depois numa jaula. Cego de um ôlho, transformara o mundo no seu pior inimigo. Seus semelhantes, todos sem excessão, eram culpados de sua desgraça. E deveriam pagar.

Não foi surprêsa para Sir Burton as atitudes do conde, e serviram apenas para confirmar suas suspeitas. Bruno era culpado. Cabia-lhe descobrir até que ponto. Seria um tarefa perigosa demais para ser feita logo nos primeiros dias. "O melhor observador — sabia muito bem Ronald — é aquêle que não demonstra estar observando."

★

Os dias passaram no castelo de aspecto sinistro sem que o destino das coisas fôsse mudado. Gargon continuava com seus olhos brilhantes, seguindo os passos de Sir Burton, atendendo às severas determinações de Bruno.

O jovem inglês vem então a conhecer duas pes-



O conde Bruno era uma hiena humana, sempre pronta a atacar...

soas, com o correr do tempo. Elga, espôsa de Bruno, e o doutor Meissen, prisioneiro do tirano.

Elga era um poema de encanto, com seus cabelos louros, seus olhos assustados e suas desilusões. Confessou depois que casara com Bruno por fôrça das circunstâncias. E disse num tom de mêdo, que esu rosto não escondia:

— A presença de Bruno é uma ameaça. Eu sei !

Foi Elga quem esclareceu Sir Burton sôbre as verdadeiras intenções de Bruno a seu respeito. Êle desconfiava de Ricardo Beckett, como aprendera a desconfiar de todos.

Para tranqüilizá-la, embora no íntimo sentisse também fundos receios, êle disse:

— Não há o que temer quando se tem cuidado, Elga...

Uma amizade nasceu entre êle e a jovem e linda espôsa do malvado Bruno. Sir Burton não desconhecia o perigo dessa amizade, ainda mais quando sua certeza era de que algo mais estava unindo suas vidas. Elga era um criatura meiga, transformada numa vítima das maldades de Bruno. Apenas um capricho a mais daquêle homem cujo coração só abrigava o ódio, a revolta, a morte !

O dr. Meissen, único amigo de Elga no castelo, até a chegada de Sir Burton, pouco podia fazer. Bruno vigiava-o de tôdas as maneiras, e êle vivia alí como um cativo, cuja voz não era ouvida, mesmo que fôssem razoáveis suas palavras.

Mas, a fidelidade do doutor Meissen seria mais tarde, útil a Sir Burton, e êle selou a amizade com um pacto de auxílio mútuo, para qualquer eventualidade.

★

Quando Bruno descobriu os planos de seu hóspede, ficou furioso. Chamou Gargon mais uma vez e disse com firmeza:

— Precisamos agir, Gargon... antes que seja tarde...

Seu cérebro maquiavélico havia planejado a vingança. Um sorriso pálido serviu de moldura às frias palavras que pronunciavam a sentença de morte de Sir Burton:

— Uma caçada, Gargon... um êrro... um inimigo a menos, Gargon...

Deu uma gargalhada sinistra, acariciando a venda de seu ôlho perdido em função de sua própria maldade. E acrescentou:

— Sim, Gargon... é o único meio... o único meio...

A resposta de Gargon, como sempre, foi um grunhido feroz. A fera que aninhava-se no seu íntimo tomava o lugar da criatura que tinha um cérebro, porém não pensava. Agia pelo instinto. O instinto mandava matar. Gargon mataria!

★

Não fôsse Sir Burton um homem prevenido e não teria regressado da caçada. Apesar de tudo, caíra numa armadilha colocada para aprisionar uma pantera. Salvando-se, êle saiu de tudo com uma certeza: Bruno assassinara seus amigos. Restava-lhe, portanto, uma única coisa a fazer: denunciá-lo ao Imperador da Áustria, para que pagasse caro tôdas as infâmias e todos os crimes praticados.

No mesmo momento em que Sir Burton encaminhava-se para denunciar os crimes do perverso conde Bruno, Elga, a meiga e trêmula Elga, era levada por Gargon à presença do tirano.

O rosto de Bruno tinha a mesma expressão de sempre. A maldade com que alimentava seu sangue, dava às suas feições uma característica própria. Andava de um lado para outro, e Elga adivinhava a sua sorte.

— Não adianta negar, Elga... eu já sei do que se passou entre você e aquêle traidor...

A voz de Bruno chocava o pobre coração de Elga, que nada podia fazer, senão escutar. Bruno avançou em sua direção, segurou-lhe fortemente o pulso e gritou:

— Vamos, confesse... você o ama? Vamos! Responda!

Elga não sabia o que dizer. Seu mêdo era tão grande que as palavras morriam na garganta. Acabou dizendo a verdade.

— Amo...

Bruno desesperou-se com a confissão, desejando naturalmente que tudo fôsse mentira. Não amava Elga, isso era claro, mas não desejava que outro tivesse o afeto que ela lhe negava. Seu ódio pela jovem aumentou naquele instante. Deu uma ordem rápida a Gargon, rápida e cruel:

— Leve-a... faça o que quiser!

As mãos rudes e fortes de Gargon seguraram a jovem, arrastando-a para o corredor. Apesar de seus esforços, ela caminhava para a morte, sem salvação !

O doutor Meissen, no entanto, escutara do lado de fora tôda a cena feita por Bruno e convenceu-



Para proteger Elga das garras assassinas de Bruno, Sir Burton tinha coragem e uma espada justiceira!



O doutor Meissen, prisioneiro de Bruno, era amigo fiel de Sir Burton e da meiga Elga...

se de que poderia ajudar, contando tudo a Sir Burton.

Quando o jovem inglês soube da maldade de Bruno, o sangue vibrou em suas veias. Era preciso agir imediatamente. Correu, então, ao castelo dispôsto a salvar Elga do suplício, enfrentando a fúria de Bruno.

Bruno já sabia da verdadeira personalidade de Sir Ronald e aguardava apenas o momento de marcá-lo com a sua vingança. Sir Burton regressa ao castelo, pretextando ter esquecido algumas armas. Gargon tinha ordens secretas de aplicar-lhe o mesmo castigo dado a Elga.

Sir Burton vai juntar-se então à sua amada no calabouço do castelo, sem esperanças de escapar com vida.

O doutor Meissen, continuava fiel e dedicado, e pensando em salvá-los, tenta convencê-los de que existe uma probabilidade de fuga.

— Vocês bebem esta droga e adormecem por várias horas. Bruno mandará enterrá-los. Serão salvos depois!

Sir Burton acaba concordando, depois de consultar sua querida Elga, que confia no doutor Meissen.

Adormecidos pela droga, o doutor sai para comunicar o fato ao conde Bruno. Êle acredita na morte de seus inimigos e ordena que sejam enterrados imediatamente.

Gargon cumpre a ordem com solicitude. O doutor Meissen prefere acompanhar os menores detalhes e vai até o local. Bruno ali estava, com a mesma expressão de ódio no rosto. Ainda restava Meissen na sua lista de inimigos. Já trazia consigo uma determinação. Quando o doutor Meissen contempla os corpos inanimados de seus dois amigos, Bruno apunhala-o de maneira brutal!

★

Recuperando os sentidos, Sir Burton trata de achar refúgio para Elga. Vai ajustar contas com o perverso conde Bruno. Gargon é o primeiro a ser justiçado. Bruno segue seu criado fiel, depois de uma luta de morte. Extinguiam-se duas vidas dedicadas à maldade.

Pouco depois, Sir Bruno abraçava Elga, longe do castelo sinistro, onde já não imperava o conde Bruno, filho do ódio e da violência.

A lembrança do bom e dedicado doutor Meissen, que sacrificara-se em momento extremo, seguiria com êles enquanto vivessem!

JOAN CRAWFORD, *a magnífica!*



"PRECIPICIOS D'ALMA" (Sudden Fear), é o novo grande desempenho de Joan Crawford, analisando o drama de uma mulher decente, que descobre o verdadeiro homem com quem casara! A desilusão provoca uma tormenta íntima que leva ao desespêro! E' um papel dramático que se ajusta ao temperamento de Joan Crawford, dando-lhe oportunidade de cristalizar sua vocação numa insofismável prova de talento. Ela também é produtora da película, iniciando dêsse modo, nova carreira em Hollywood.

RARAS são as "estrêlas" do cinema que merecem um adjetivo tão amplo como êsse, no qual procuramos definir todo o talento, sensibilidade e vocação de uma artista que já não se pertence, porque é uma glória do cinema e propriedade dos fãs que aplaudem com entusiasmo seus filmes, sejam êles dramáticos ou puramente sentimentais; acabem bem ou mal !

Vale a pena recordar que Joan Crawford é produto de uma auto-crítica raramente encontrada nos artistas, e que tornou uma atriz sem maiores sucessos, na "estrêla" que hoje entusiasma o público !

Se fôssemos dar um pulo ao passado seríamos forçados a ir até San Antônio, no Estado de Texas, onde ela nasceu em um certo dia oito de março, batizàda com o nome simpático, mas não artístico, de Lucille Le Sueur.

Como Lucille Le Seuer ela viveu passando por variados empregos e algumas privações, e mesmo para cursar uma Academia teve que pagar sua parte servindo as mesas do refeitório !

Tudo, Joan suportou com os olhos no futuro e confiando na sua vocação, e tempos depois, conseguiu seu primeiro contrato, como corista de uma Companhia de Variedades, em "tournée" pelas cidades mais próximas de Kansas City, onde se encontrava.

Nessa época o nome de Joan era Billie Cassin, mas voltou a ser o verdadeiro Lucille Le Sueur, e com êle fêz muito sucesso até ser admirada por um produtor que lhe ofereceu um vantajoso contrato.

Foi na qualidade de "estrêla" do "show" que ela recebeu uma oferta da Metro Goldwyn Mayer, em cujos estúdios apareceu em alguns filmes, para alcançar seu primeiro papel de importância, como bailarina !

Os diretores do estúdio acharam que devia trocar de nome e através de uma revista de cinema foi escolhido o de Joan Crawford.

Como Joan Crawford ela começou a subir até o dia em que percebeu estar fora de seu verdadeiro elemento. Como "estrêla" de musicais, sua arte não era expansiva a ponto de vencer a concurrência cruel do tempo, e ela que sentia em sua alma uma ânsia de trilhar caminhos novos na profissão, resolveu mudar. Sufocou a Joan Crawford que vivera triunfante até ali, e escolheu outra maneira de ser para a Joan Crawford que nascia.

Foi um passo acertado da "estrêla", nascendo outra carreira de triunfos magníficos, colocando-a entre as maiores expressões do cinema.

"Alma em suplício", um filme que ninguém pode esquecer, deu-lhe o "Oscar" tão ambicionado, mas foi "Um rosto de mulher", na opinião da maioria de seus fãs, o seu melhor trabalho.

Deixando a Metro, foi contratada pela Warner, fazendo em Burbank, além de "Alma em suplício", "Acordes do coração", com John Garfield, outro êxito, ao qual podemos juntar "Tragédia de meu destino" e recentemente "A dominadora", levando para a tela uma famosa peça de teatro, com um papel que parecia ter sido escrito na medida de seu talento.

Nos tempos de hoje, Joan Crawford guarda algumas desilusões amorosas (ela nunca chegou a ser feliz sentimentalmente falando) e muita experiência artística.

Sua vocação para o cinema é cada vez mais firme, sua ambição cada vez mais forte, seu futuro ainda mais risonho.

Ela dá início a uma fase nova, começando a produzir seus próprios filmes. O primeiro dêles é "Precipícios d'alma" (Sudden Fear), de quem as revistas americanas falam em tom elogioso.

Sendo produzido por Joan, o papel deve ter sido escolhido de acôrdo com seu temperamento e suas imensas possibilidades no campo da arte dramática, sem dúvida alguma o seu forte.

Desafiando o tempo, que já lançou na poeira do esquecimento outras "estrêlas" mais novas, Joan Crawford, a magnífica, segue seu caminho colhendo novos aplausos, numa prova de vitalidade artística que entusiasma o mais cético dos fãs de cinema !



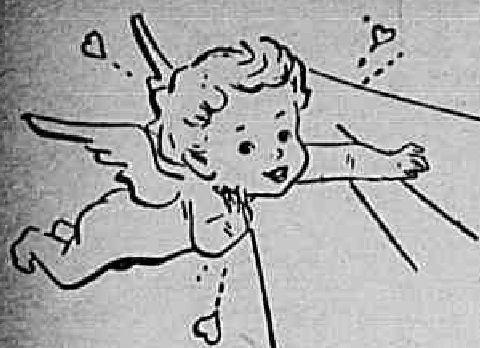
Ela amou um homem indeciso em "Fogueira de Paixão"...



Ela amou um homem apaixonado em "Os desgraçados não choram"...



Ela ama um canalha em "Precipícios d'alma"...



CARY GRANT E BETSY DRAKE ENSINAM...

COMO SER FELIZ NO CASAMENTO!





TUDO que se relaciona com os "astros" e "estrêlas" do cinema, é importante para os fãs, principalmente o que diz respeito ao casamento...

Sim, porque a maioria pensa que basta ser artista, para conseguir felicidade completa, paz de espírito, harmonia interior...

Puro engano! Os artistas são de carne e ôsso, como todos nós, e sofrem os mesmos problemas e preocupações, não encontrando muitas vêzes a solução mais agradável.

Não deixam, porém, de transpirar tranqüilidade na aparência, sendo hoje muito corriqueiro, o caso de uma "estrêla" vir a público para dizer que separa-se do espôso porque êsse não a compreende!

Êles também lutam para conquistar a felicidade, e raros são aquêles que podem dizer sinceramente: sou completamente feliz.

E' muito simples a razão. A felicidade está sempre em função de nossos desejos do presente, e saciada a nossa sêde, novos horizontes aparecem para conquistar. Daí a dificuldade de ser completo, quando a própria vida é imperfeita...

Um casal do cinema, pode no entanto, falar com profunda sabedoria dos problemas que encerram a felicidade no casamento, pois êles parecem tê-la encontrado.

Chamam-se Betsy Drake e Cary Grant. Vivem tão unidos, como quando se conheceram, e hoje em dia, é difícil afirmar se serão menos felizes amanhã, porque sempre encontram nova medida para manter o ritmo.

DIZ BETSY DRAKE

★ Creio que a primeira medida para ser feliz, é confiar no homem que escolhemos para marido.

★ Outra coisa importante, é compreendê-lo. Isso não significa deixar de lado nosso amor próprio, aceitando tudo que êle diz. Há muita diferença entre concordar e aceitar.

★ Quando surge um problema na vida do casal, um de nós tem obrigação de socorrer o outro. Dando-lhe sugestões sensatas, mostrando interêsse, despertando desabafos. Nada contribui mais para a felicidade, que a exata compreensão do papel que se representa no casamento.

★ O egoísmo é nosso pior inimigo, porque êle pode sufocar tôdas as razões, fazer esquecer os melhores conselhos e seguir o caminho errado. Sei até que ponto pode me levar o egoísmo, e elimino o primeiro sinal, concedendo tempo para uma análise melhor. Sempre alcancei bons resultados com esta medida.

★ Procurar ser feliz é obrigação, quando se pretende ser feliz. Parece que meio mundo esquece-a, em tributo de outras razões menos fortes. Para cada caso, há uma saída. Se houve uma pequena rusga, se o marido mostrou-se egoísta, um pouquinho sò, há várias maneiras de "castigá-lo". Suavemente, digo. Sempre suavemente.

Da coisa, êles não fazem segrêdo. Com amigos mais íntimos sempre conversam sôbre o assunto, expandindo suas experiências, e fazendo inveja...

Espalham sua sabedoria para quem dela necessitar, mas não crêem que utilizem seus métodos, do contrário não haveria divórcios em Hollywood.

Não desejam nunca falar dos casamentos de encomenda, mas apenas daqueles que surgiram como conseqüência lógica de um amor sincero e desinteressado. Fazem questão de frisar que o desinterêsse, no casamento entre artistas, é padrão para a felicidade, pois sabem quanto pode valer êsse interêsse, segundo as conveniências de cada um...

Apontam exemplos diversos de uniões felizes, mas pretendem bater o "record". Zangam-se quando alguem sorrí dessa ambição muito justa e natural. Pretendem ter filhos, quando Deus quiser, e amá-los tanto possível. A palavra Divórcio está proibida de ser pronunciada no lar onde vivem. Aborrecimentos sérios, não sabem dizer se já tiveram alguma vez, depois de unidos. Não são iguais, como muita gente possa pensar, mas procuram analisar, sempre, (e isso não deixam de fazer) o ponto de vista do outro. E' uma medida para a felicidade.

Não se importam do que falam as línguas pessimistas e vão arrancando as fôlhas do calendário, certos de que nada poderá separá-los. Nem a morte, frisam de modo zombeteiro. Acreditam que tenham se conhecido noutra vida. Esperam continuar assim, depois de Tudo. Êsse Tudo, define aquilo de que não se escapa, tendo nascido...



DIZ CARY GRANT

★ Hoje compreendo porque sou feliz com Betsy. E' que jamais duvidei de seu amor, mesmo quando as circunstâncias pareciam contribuir para isso. Foram nesses instantes que refleti bastante, e a análise serviu para confirmar o que eu sempre imaginara: Betsy gostava de mim (isso era claro), eu gostava dela. O resto, o mundo, os outros, não importavam. Ela me importava. Pode parecer uma maneira estranha de falar, mas estou sendo sincero. A primeira medida para ser feliz no casamento, é confiar em quem se ama, confiar em tôda a extensão que essa palavra possa ter. E fazer por onde essa confiança não seja infundada.

★ Não me lembro de ter tido nenhuma rusga séria com Betsy. Houve, é verdade, algum pequeno desentendimento. Ela queria que o quadro ficasse do lado esquerdo da sala, eu desejava o contrário. Chegamos a pensar que estávamos discutindo. Pouco depois, rimos de nossa atitude e fizemos um novo pacto de amizade. Eu coloquei um quadro no lado que desejava, e Betsy pôde colocar o seu. Ficou resolvida a questão do modo mais prático. Outro conselho que dou: Para ser feliz no casamento, é preciso refletir antes de falar. Quando julgamos as coisas, apenas pelo lado de nosso interêsse, tudo parece favorecer a nossa hipótese de razão. Mas, na maioria das vêzes, erramos quando procedemos dessa forma. Agindo assim é que temos conseguido um "recorde" invejável: nenhum desentendimento sério em vários anos de casamento. Mas, o mérito pode ser de todos. Não é patente nossa...

★ Outra coisa muito importante é saber até que ponto pode chegar a rotina no casamento, e tratar de mudar o ritmo, imprimindo novo interêsse. Eu sei que não é fácil, mas bastante viável, desde que se queira preservar a felicidade alcançada. Tenho lido várias obras sôbre a felicidade no matrimônio, achando que a maioria delas peca pela base.

Dá-se demasiado valor ao aspecto econômico, quando o problema vital está em se fazer compreendido todos os dias. Há um espaço perigoso na vida do casal, quando se disse tudo e se pensou ter visto quase tudo, não restando mais que o enfado. Cabe colocar nesse espaço uma conversa nova, criar um plano para os dias futuros, fazer nascer um pequeno problema, que só possa ser resolvido pelo próprio casal. O exclusivismo é perigoso, como o isolacionismo, demasiado insensato, para ser praticado. Enfim, o sacrifício atinge os dois, dando a cada um a tarefa mais difícil, embora fácil se tivermos o propósito de cumpri-la. Um presente muitas vêzes resolve, mas acredito que nada seja melhor que um filho.



Cary Grant e Betsy Drake acham que o carinho não ocupa lugar no casamento, e deve existir sempre, porém sem exageros. Mas nunca em público. Êles consideram o carinho, coisa íntima, e como tal, para ser feita em casa, longe de olhares indiscretos, maldosos e invejosos também !

Quando atúam juntos no mesmo filme, confessam, não lhes move outra intenção (numa cena de amor) que a de representar o máximo, sem ligar identidades...

"Quem nos vê nos estúdios — declara Cary — chega a julgar que levamos a carreira muito à sério, mas é consciente o que fazemos. Quando regressamos ao lar, há um mundo novo à nossa espera, sem os artifícios do cinema ou as maldades de fora. Vivemos êsses instantes, cada dia, como se fôsse a primeira vez. E a felicidade segue sendo inabalável !"

REPERTÓRIO DE

ORLANDO SILVA O CANTOR DAS MULTIDÕES!



SERTANEJA
(Canção)

De René Bittencourt

Sertaneja se eu pudesse
Se papai do céu me desse
O espaço p'ra voar
Eu corria a natureza
E acabava com a tristeza
Só p'ra não te ver chorar
Na ilusão deste poema
Eu roubava um diadema
Lá do céu p'ra te ofertar
E onde a fonte rumoreja
Eu erguia a tua igreja
E dentro dela o teu altar.

Sertaneja
Porque choras quando eu canto
Sertaneja
Se êste canto é todo teu
Sertaneja
P'ra secar os teus olhinhos
Vai ouvir os passarinhos
Que cantam mais do que eu.

A tristeza do teu pranto
E' mais triste quando eu canto
A canção que eu te escrevi
Os teus olhos neste instante
Brilha mais que a mais brilhante
Das estrêlas que eu já vi
Sertaneja vou me embora
A saudade vem agora
Alegria vem depois
Vou subir por estas serras
Construir lá noutras terras
Um ranchinho p'ra nós dois.

★

A ÚLTIMA ESTROFE
(Valsa)

De Cândido das Neves

A noite estava assim enluarada
Quando a voz já bem cansada
Eu ouvi de um trovador
Nos versos que vibravam de armonia
Êle em lágrimas dizia
Da saudade de um amor.
Falava de um beijo apaixonado
De um amor desesperado
Que tão cedo teve fim
E dêsses gritos de tormento
Eu guardei no pensamento
Uma estrofe que era assim.

Lua vinha perto a madrugada
Quando em ânsias minha amada
Nos meus braços desmaiou...
E o beijo do pecado
O teu véu estrelejado
A luzir glorificou...
Lua hoje vivo sem carinho
Ao relento tão sòzinho
Na esperança mais atroz
De que cantando em noites lindas
Essa ingrata volte ainda
Escutando a minha voz...

★

A estrofe derradeira, merencorea
Revelava tôda história
De amor que se perdeu
E a lua que rondava a natureza
Solitária com a tristeza
Entre as nuvens se escondeu
Cantor que assim falas a lua
Minha história igual a tua
Meu amor também fugiu
Disse eu em ais convulsos
E êle então entre soluços
Tôda estrofe repetiu.

POR TI
(Valsa)

De Lionel Azevedo e Sá Rossir

Por ti serei capaz de tôdas as loucuras
Por ti enfrentarei o céu o mar e a terra
E beberei da vida a taça de amarguras
Pelo teu amor,
Por ti farei da vida um céu
Serei feliz ou morrerei de dor,
Por ti transformarei a face do destino
E em pérolas de luz eu farei a negra escuridão
Por um sorriso teu darei a vida e morrerei
Feliz levando a tua imagem no meu coração...

II

Sem ti serei do mundo um condenado
Um triste menestrel de um sonho apaixonado
Tu és a primavera em flor
Tu és minha ilusão minha ilusão de amor
Eu sou o teu cantor
Sem ti meu coração soluça e a vida é um horror
E quando lá no céu de estrêlas constelado
Brilhar com merencorea luz a lua na amplidão,
Por certo que hás de ouvir meu canto amargurado
Meu canto que é um gemido triste do meu coração.

★

A ÚLTIMA CANÇÃO
(Canção)

De Guilherme Pereira

Esta será
A última canção
Que cantarei
Ao me despedir
Depois verás então
Em breve eu partir,
Fugindo assim em vão
O teu sorrir.

Esta será
A última canção
Que cantarei ao me despedir
Quando, eu abraçar chorando
Serei feliz
Se te deixar cantando...

★

QUANDO A NOITE VEM
(Valsa)

De Paulo Barbosa e Sivan

Brilham as estrêlas no céu
E o luar como um véu
Cobre a terra de luz!
Flores de tôdas as côres
Trescalam amôres
Segredos, que a brisa conduz

II

Quando a noite vem
Como é bom sonhar,
Tendo ao lado alguém
Para querer bem
E amar...
Nosso coração
Cheio de calor
Busca inspiração
Para uma canção
De amor!...
Parece que as estrêlas têm mais luz
Que há perfumes pelo ar,
Quando do lado existe alguém...
E tudo nos encanta e nos seduz
E nos faz sonhar
Quando a noite vem...

BEGUINE
(Fox-rumba)

De Cole Porter

Quando começa o beguine
Bate um tambor a doce cadência
Ao corpo vem longínqua dolência
Canta o luar nos palmeirais
Começa o beguine sons tropicais
Nos olhos nos põe feitiço venenos
O som que desmancha olhares serenos
Convite aos sonhos sensuais.

O perfume vem do cheiro da terra
O rítmo vem das ondas do mar
Só nós dois juntos no mesmo abraço
E a lua em pedaço
Baila no ar.

Momentos sem par, momentos divinos
Bailamos ao som e real de mil violinos
Em curtos momentos vivemos nossos destinos
Ao som da canção sedução.

A cadência sensual do beguine
Faz da vida momento infindo de alegria
E se alguém tem no coração melancolia
Dança o beguine! o beguine.
E' o ritmo, o trópico é o amor é o beguine
As estrêlas luzindo no céu estão chamando
Sente o cheiro que a selva desprende perfumando
Anseio de amor que ninguém define
Quando começa o beguine...

★

PECADORA
(Bolero)

De Agustin Lara — Versão de Geber Moreira

Que brilho divinal
O de teus olhos...
Diáfanos como gôtas de cristal,
Êles são como flores entre abrolhos,
Sangue e sorrisos juntos a fitar,
Sangue e sorrisos juntos a fitar...

Porque tens esta vida pecadora
Se não sabes vender o coração:
Porque pretende odiar-te quem te adora
E quem tu odeias pede o teu perdão.

Se cada noite tua é uma aurora,
Se cada novo amor é uma traição,
Porque tens esta vida pecadora,
Se não sabes vender o coração...

SEGREDOS DE HOLLYWOOD:

CONFISSÕES DE CLARA BOOM

— A "ESTRÊLA" DE "LUZES DA RIBALTA", O FILME DE CHARLES CHAPLIN

QUEM é Clara Boom? Sua história — que a ela não agrada contar porque possui a reservada tradição das jovens inglêsas bem educadas — parece-se com um conto de fadas. A um conto de fadas moderno, no qual a guerra, o telefone, a fotografia e o avião representam os principais papéis.

Nasceu em Hampsteed, a 16 de fevereiro de 1931. Um dia foi ao cinema com sua mãe, assistir «Romeu e Julieta», e ficou tão emocionada com o desempenho de Norma Shearer, que disse:

— Estou disposta a ser atriz. Eu também quero ser Julieta!

E' fácil imaginar a reação da família diante das palavras de Clara, ditas daquela forma tão espontânea, portanto, sinceras e perigosas. Sua mãe compreendeu que não adiantaria contrariar a filha e concordou, com uma condição Que ela continuasse seus estudos de dança.

— Anos mais tarde — é ela quem relembra todos os fatos, com prodigiosa memória — quando eu tinha nove anos, mamãe levou-me para os Estados Unidos. Fugíamos da guerra! Fomos residir na Flórida, onde fui descoberta por um «talent-scout» e estreei como bailarina de uma companhia infantil, conseguindo depois um papel no rádio.

Aos doze anos, voltei a Londres, seguindo meu curso de arte dramática. Continuei a atuar no rádio, para conseguir, já aos 17 anos, meu primeiro papel no cinema no filme «A Deusa Cega».

Em 1947, finalmente, representei o papel de Julieta no importante festival Shakesperiano.

Os anos seguiram, e o teatro ocupava todo meu tempo. Certa noite, um amigo me disse, cheio de entusiasmo:

— Por que não envia sua fotografia a Charlie Chaplin? Êle está procurando a «estrêla» de seu próximo filme.

Confesso que dei de ombros. Sabia que o grande ator cômico estaxa examinando nada menos de quatrocentas candidatas, sem contudo escolher nenhuma.

Mas, os amigos insistiram e acabei cedendo.



Clara Boom e Carlitos numa cena de "Luzes da Ribalta"

Enviei a foto, e qual não foi minha surprêsa quando recebi a resposta de Chaplin, num telegrama, dizendo que fôra escolhida e deveria seguir imediatamente para o «test».

Filmei alguns metros de prova, após longos ensaios, e no fim da semana voltava a Londres, retomando minha vida no teatro. Devo dizer que acariciara a idéia de ser companheira de Carlitos, mas diante do que me disseram, achei melhor pensar noutra coisa. Soubera que Chaplin continuava sua busca, através de quilômetros e quilômetros, sem ao menos ter assistido ao meu «test».

Uma tarde recebi um telefonema. Do outro lado da linha falava Charlie Chaplin. Tinha grandes novidades para mim.

— Se você aceita, será a minha companheiro em «Luzes da Ribalta».

A alegria que senti não se descreve com palavras. Segui outra vez para os estúdios de Chaplin e dei início ao meu trabalho.

Cinco meses passei em Hollywood, sem mudar nenhum de meus hábitos. Quando alguém me disse que era considerada uma «antiga», sorri, admitindo que em parte êles tinham razão.

Acho que êles não me compreenderão nunca, se pensam que vou transformar tôda uma vida em algumas horas. Será difícil para êles, e para mim também.

Tenho feito, contudo, muitas amizades, a quem mandei presentes de Natal e recebi sempre com prazer. Sou muito afetiva, porém desconfiada. Quando gosto, sou exclusivista.

Meu tempo (isso talvez seja razão de comentários, mas não me importo) é empregado lendo obras sérias, como Dostoiewsky, a quem muito admiro, ou então nos espetáculos de «ballet», que não perco.

Há uma coisa que não desejo aprender em Hollywood: a posar de maneira provocante para os fotógrafos. Não sou Betty Grable! Confesso que discordo da maneira como escrevem os colunistas de cinema, descobrindo coisas que não existem na vida das «estrêlas».

Comigo êles raramente encontram assunto. E, possìvelmente, jamais encontrarão, porque dividirei meu tempo mais com o teatro, onde me sinto mais à vontade e no meu elemento.

Gostei, sim, de ser artista de cinema, porém não esqueço o teatro, que amo como parte de minha vida!

ÊLES SÃO COMO O VINHO:

QUANTO MAIS VELHO, MELHOR...

Um divertido bate-papo com ALVARENGA e RANCHINHO



Alvarenga e Ranchinho têm alcançado êxito, fora do rádio, em excursões pelo interior, nas "boites" mais elegantes e no teatro de revista. São, como se pode deduzir, humoristas para qualquer público, muito embora explorem o tipo matuto, razão de todo o sucesso da dupla...

De LUÍS GUIMARÃES
Especial para A CENA MUDA

O bate-papo começou nos corredores da Tupi e foi terminar no bar da G-3, onde os bons tempos foram recordados solenemente.

— Seu repórter — disse Ranchinho — nós já perdemos a conta dos anos que enfrentamos o microfone...

«Rancho», como é chamado pelos íntimos, respondia a uma indagação do jornalista, que aliás conhece a dupla há vários anos, sem contudo precisar sua estréia no Rádio.

Isso não vinha ao caso. A conversa era sôbre humorismo e o Alvarenga, sabidamente político, não foi direto ao assunto, preferindo fazer retórica.

— Nessa questão de humorismo, eu acho que vai muito da vocação de cada um... Veja, por exemplo, o caso de alguns de nossos produtores. Apelam, sem mais nem menos, para a piada licenciosa, pensando ser essa a única maneira de fazer rir.

— E não é, Alvarenga? — aventuramos.

— Bem, não deixa de ser — sorriu maliciosamente — mas nós usamos a «coisa» de mado a não chocar...

Ranchinho escutava, «assuntava» e largou a sua:

— Velho, se você soubesse o trabalhão que dá imaginar um programa humorístico...

— Quando não é calcado apenas na licenciosidade, bem entendido — explicou Alvarenga.

E a política? Vocês não usam a política?

— Nós usamos — começou Ranchinho — mas os tempos mudaram...

Até que o jornalista discordava da dupla e apresentou suas razões. Muitos tipos andavam dando «sopa», dignos de serem aproveitados em qualquer programa.

— Os tipos quase sempre são os mesmos — disse Alvarenga — mas, de política eu prefiro não falar...

Não restava outra coisa senão mudar de assunto. Foi o que fiz. Lancei uma pergunta, planos da dupla.

— Planos... ah, meu amigo... — disse Ranchinho — não gostamos de planos, porque nunca, ou quase nunca, dão certo...

— Eu que o diga — retrucou Alvarenga.

— Então? — O repórter não saía do impasse...

— Bem, mas acabamos fazendo alguns planos... Gravações, excursões, novas toadas, modas de viola...

— Só?

— E não chega? — indagou Alvarenga, espantado.

Fiz com a cabeça que «não». Houve quase desespêro. Mas não liguei, porque sabia ser brincadeira dos dois. Foi Ranchinho quem continuou:

— Se não chega, vamos lá... Quem pode prever o futuro é adivinho, coisa que não somos, felizmente... Algumas idéias estão sendo estudadas, por mim e pelo «cumpadre» Alvarenga... O forte mesmo será continuar como está... Você tem ouvido o programa?

— Aos domingos? Claro, quem não ouve?

— Pois é... melhorar cada vez mais, êsse o nosso plano... Será que conseguiremos?

Achei graça. Era piada.

O «RANCHINHO» ACABOU...

Lembrei-me de perguntar sôbre a «boite» que Alvarenga criara em Copacabana, com o nome de «Ranchinho», e que tanto sucesso fizera durante algum tempo.

— Fechou... — respondeu êle.

— Por quê?

— Êsse camarada é mesmo curioso, hein, Ranchinho? — disse Alvarenga, troçando com o jornalista.

E não deu a resposta, preferindo pedir ao garção outra bebida mais gelada que a primeira.

E AS BRIGAS?

Banquei o amigo da onça. Falei das brigas. As desinteligências nas duplas é coisa corriqueira, e a maioria delas não chega aos ouvintes. Quando as duplas são desfeitas, há chôro, conversa de cá, resposta de lá, promessa de juntar no futuro, tanta coisa que dá assunto para outra reportagem.

— Brigar pra quê? — era o Ranchinho quem perguntava, ingênuo, ingênuo...

— Você acha divertido, encontrar um parceiro camarada, camarada como o Ranchinho e depois, certo dia, chegar, não encontrar uma corda no violão, cismar que foi êle quem andou mexendo, dizer desafôro, tentar atacar, receber ameaças e dizer: Está tudo acabado... cada um por si... Deus por todos... Adeus!

— E ficar depois matutando se fôra mesmo o «cumpadre» quem mexera na viola, ou se foram os meninos de casa? — retrucou Ranchinho, muito sério.

— Não... isso nunca... nós estamos unidos, para sempre...

— Mas já houve — atalhamos — qualquer coisa, se não estou enganado.

— O que houve pertence ao passado... houve sim, mas foi até melhor que houvesse... Tomamos jeito... vimos a extensão de nosso êrro e pudemos avaliar quanto vale uma amizade sincera... — disse Alvarenga.

Estava tudo azul entre êles. Nada mais restava perguntar. O melhor era dizer «até logo» e vir escrever a reportagem.



Assim, caracterizados de matutos, êles vêm enfrentando o microfone, sempre agradando. Ficaram famosos os desafios que fazem em seus programas, onde entra tôda a família de cada um... No final, abraçam-se como bons amigos, fazendo rir o público, que não acreditava na "briga". E' o número mais divertido do repertório da famosa dupla

O exemplo de longevidade artística de Alvarenga e Ranchinho é digno de ser analisado, quando duplas famosas como Joel e Gaúcho, Xerém e Bentinho, Barreto e Barroso não conseguiram uma união tão perfeita.

Joel e Gaúcho, para falar de um caso recente, desentenderam-se mais uma vez, e parece que agora a coisa foi tão séria que não haverá possibilidade de novo ajuste.

Na opinião de Joel, o Gaúcho não cumpre os compromissos artísticos, deixando-o em má situação.

No dizer de Gaúcho, êle acha que o tempo da dupla já passou, que o melhor é enfrentar a realidade, coisa com que o Joel não se conforma, pretendendo reviver glórias do passado.

Certo é que êles acabaram e não houve promessa de voltar. E foi pena, porque a volta se deu em momento propício, capaz de elevá-los, novamente, à categoria na qual já estiveram por merecimento e justiça.

Xerém e Bentinho, em certa época, alcançaram o mesmo êxito de Alvarenga e Ranchinho, comandando horários, cada dupla em sua emissora. Hoje Xerém pinta seus deliciosos quadros e Bentinho, ao que me consta, cuida de outros assuntos.

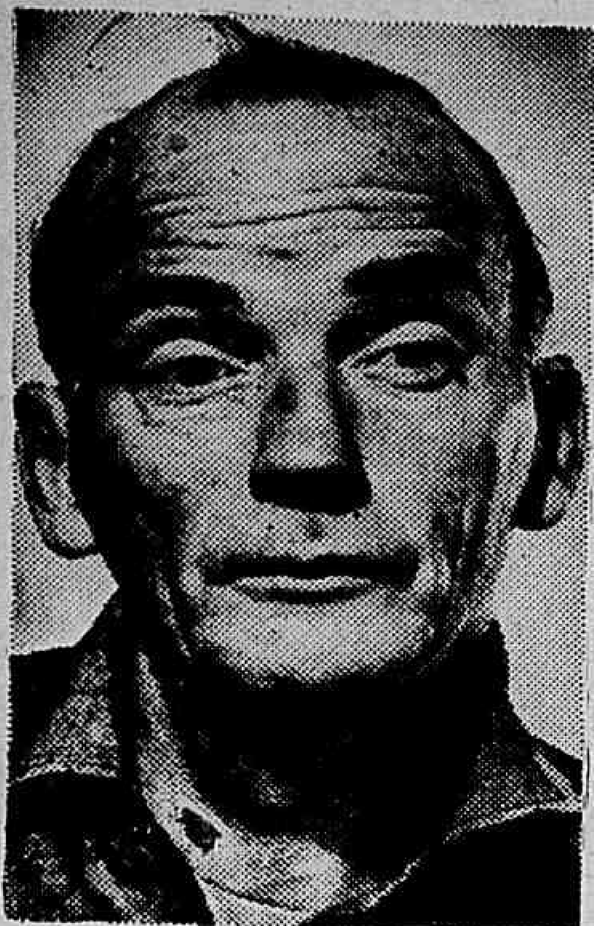
O tempo passa, as coisas mudam, mas Alvarenga e Ranchinho continuam firmes ao microfone, dizendo piadas, cantando e glosando a política, divertindo os auditórios.

São como o vinho... quanto mais velho, melhor...

Faço questão de explicar, porém, que a idade que êles têm de rádio, nada tem a ver com a idade que possuem fora dêle...

CINE-NOVELA

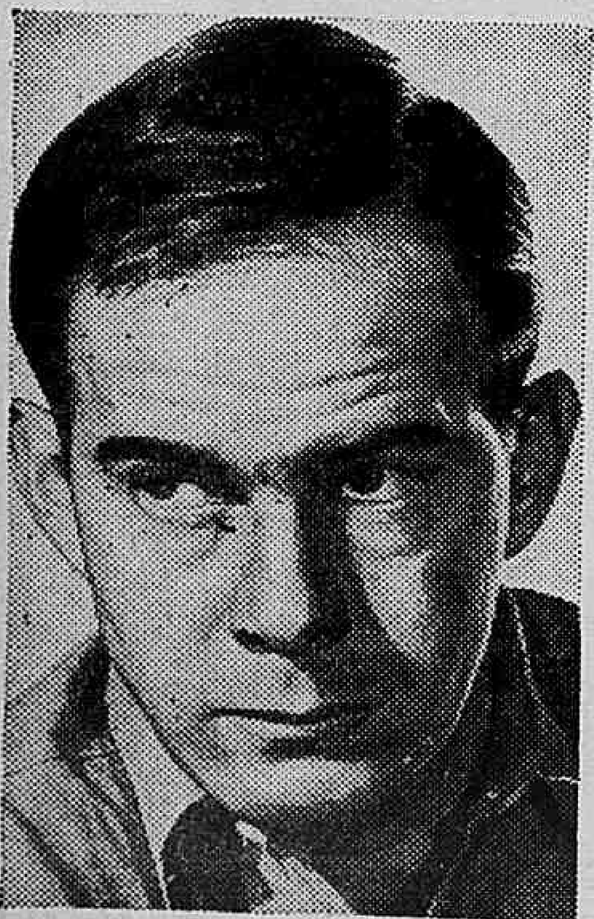
Meus seis



Connie era um perito arrombador de cofres...



Punch Pinero, o rei da prisão. era ladino...



Dawson, um criminoso psicopata, perigosíssimo...



Eu sou o Dr. Wilson, mas não invejem a minha sorte...

MEU nome é Wilson, doutor Wilson, formado em psicologia e escolhido pelo Govêrno para fazer alguns "tests" com os presidiários de Habor State. As autoridades estavam empenhadas em uma reforma e haviam-me dado o prazo de seis meses como experiência para apresentar algum resultado. Eu não tinha a menor idéia de como sairia da missão, só sei que sentia um receio profundo de aceitá-la. Mas que fazer? Não tinha outra saida.

Quando meu velho carro aproximou-se de Harbor State começou o meu mêdo, que aumentava à medida que a prisão ia ficando mais perto. Quando cheguei, uma sensação de mal-estar tomou conta de mim e não me abandonaria por semanas.

O diretor recebeu-me com a frieza que eu já esperava. Êle não acreditava muito em reformas, e embora fôsse desejo seu cooperar comigo, deixava evidente o seu desagrado pela minha presença.

Potter não confiava em médicos, muito menos em psicólogos. Começava assim o meu drama, aumentado quando êle me disse:

— Tenha muito cuidado com os homens, doutor... Se o senhor não fôr muito bom psicólogo talvez acabe como um psicólogo morto...

Aquela era uma forma de estimular os outros, que eu desconhecia. Tive impetos de agradecer, mas aquilo era apenas o inicio. Suportei calado.

Mal havia aberto as malas quando soube da noticia inquietante: um dos guardas fôra encontrado morto, apunhalado pelas costas. Compreendia agora que dentro daqueles muros altos e cinzentos havia um mundo tão primitivo e rude como o de uma selva!

★

Harbor State, vocês já podem imaginar, não era um modêlo de prisão. Até os menores serviços eram entregues a criaturas de aspecto sinistro. Quem fotografava os detentos para os arquivos da penitenciária era Connie, o incorrigivel James T. Connie, que sabia de tudo a meu respeito.

Nosso primeiro encontro foi até divertido. Êle sabia que eu chegara à prisão guiando meu próprio carro. Disse onde eu havia dormido na véspera e até o que comera no almôço. Olhei-o num misto de espanto e admiração: estava diante do homem que era o centro nervoso da mais espantosa rêde de informações!

Connie era, por natureza de seu "oficio", muito curioso e passou a indagar sôbre os "tests" que eu iria fazer. Não me neguei a satisfazer sua curiosidade até onde era possivel, mas êle ficou muito alegre com a minha discrição. Paciência. Eu não confiava nêle, e, além de tudo, tinha mêdo. Cada vez um mêdo maior do que pudesse acontecer nos dias que ainda estavam por chegar.

Minha primeira amizade em Harbor State foi com o Dr. Gordon, o médico veterano da penitenciária. Com êle fui até o antigo depósito, agora transformado em meu escritório. Confesso que o aspecto não era muito agradável; fôra um porão por onde, seis anos atrás, alguns presos haviam tentado uma fuga espetacular! Gordon notou o meu interêsse em conhecer detalhes da história e o que me contou depois estava carregado pelas tintas de sua fantasia. Parecia mais a descrição de um sangrento motim...

Gordon era um filósofo, e os anos passados em Harbor State, tinham feito dêle um homem contente com a sua situação. Pôs a mão no meu ombro, e enquanto caminhávamos, disse-me:

— E' bom ter um pouco de mêdo dentro de uma prisão, Dr. Wilson. Lá fora, vive-se mais assustado. Os motivos de mêdo são numerosos. Aqui há apenas o mêdo da violência. Mas eu gosto de trabalhar numa prisão. A vida é muito mais simples.

Para êle tudo parecia simples, mas para mim que jamais havia pisado numa prisão, as coisas apresentavam-se de maneira aterrorizante. Ainda receioso, perguntei sôbre meus auxiliares. A resposta não foi nada tranquilizadora.

— Você terá auxiliares... Há mil homens à sua disposição. E' só escolher.

— Entre os presos? — disse sobressaltado.

Gordon sorriu de minha surprêsa e acrescentou.

— Eu sei que seria preferivel outra gente... Mas não há outro jeito...

Eu compreendi que as palavras de Gordon eram definitivas, e que não adiantava apelar. Conformado, perguntei:

— Como vou fazer para conseguir isso?

— Não é preciso você fazer nada... Os presos





O dr. Gordon acompanhava-me na passagem pelo

Criminosos



é que se apresentarão para trabalhar com você... O seu trabalho é descobrir o que se passa dentro da cabeça dêles. Ora, a cabeça dêles é o único lugar reservado que lhes resta, de acôrdo com os regulamentos da prisão. Você vai encontrar muita resistência. A maior parte dêles não sabe nem o que vem a ser psicologia...

Agradeci as informações de Dr. Gordon e retirei-me para meu quarto, onde esperava afogar meus receios em algumas leituras.

★

As semanas seguintes foram calmas em Harbor State, mas meu serviço oferecia pouco progresso. O Dr. Gordon nunca deixou de me acompanhar quando atravessávamos o pátio na hora das refeições. Era fácil adivinhar por quê. Naquele mar de rostos duros e impassíveis dos detentos podia haver um homem com uma faca... para mim. Apesar da presença tranquilizadora de Gordon, no intimo eu me sentia atemorizado. Eram momentos terríveis de suportar. Ao lado do Dr. Gordon eu estava seguro, porque os homens o estimavam. Mas, o dentista Brint não conseguira a mesma afeição dos presos.

Gordon explicou-me a razão:

— Brint sente satisfação em arrancar-lhes os dentes sem anestesia... êles estão esperando o momento da vingança... quando ela vier, será terrivel.

As palavras de Gordon serviam como advertência para mim e comecei a temer antecipadamente pelos "tests" que pretendia fazer entre os presos. Poderiam desgostar de mim, como de Brint. Isso eu receava sèriamente. Mas, no dia marcado os guardas apareceram com os homens e eu já tinha papel e lápis arrumados nos lugares onde êles deveriam sentar. Tentei proceder como se estivesse numa universidade, inteiramente senhor da situação.

Puro engano. Os presis não mostravam o menor interêsse pelos meus "tests", o que me aborrecia, depois de tanto trabalho para preparar o ambiente.

Pensei que a melhor solução seria mostrar-lhes a minha confiança, e pedi que os guardas saissem. Foi um êrro. Os detentos deram inicio imediatamente a uma luta, fingindo ser verdadeira. Eu não tinha coragem de intervir, embora soubesse que tudo não passava de uma farsa para aniquilar meus esforços pelo êxito dos "tests".

Acabei chamando os guardas e êles restauraram a ordem. Mas, os "tests" ficaram para depois. Fiquei na sala como um desesperado, porque, além da humilhação, que não tomava com tão grande importância, eu me revelara um completo fracasso como psicólogo. Eu estava triste pela derrota, sem saber como sair da situação. Precisava reagir, mas não encontrava a maneira certa.

Foi quando ouvi a voz de Connie, que, com a cabeça na porta, disse:

— Se estou atrapalhando o senhor, posso voltar depois, doutor.

Fiz um gesto vago. Mandei que entrasse e procurei demonstrar um contentamento que não sentia.

Connie jogou um retrato sôbre a mesa, e disse:

— Vim trazer uma cópia do retrato que tirei do senhor. Pode mandar para a sua pequena, doutor.

Peguei o retrato. Não é preciso dizer que estava horrível, embora Connie achasse o contrário. Êle gostava de sua obra. Fêz um comentário:

— Saiu ótimo, hein, doutor?

Ainda olhava o retrato, quando Connie perguntou, muito interessado:

— Como se foi hoje?

— Bem...

Eu havia dito uma mentira, mas o olhar de Connie não me enganava. Êle já sabia de tudo, do meu fracasso e dos meus receios em continuar.

Compreendi que êle desejava me ajudar. Pelo menos foi o que deduzi de suas palavras, que continham alguma sinceridade.

— O senhor entrou aqui com o pé esquerdo, duotor. Não há nada contra o senhor pessoalmente. Tudo uma questão de guerra.

— Que guerra? — indaguei sem compreender.

— Não estou combatendo ninguém. Quero apenas ajudar...

Connie abanou a cabeça diante de minha incompreensão, e explicou:

— Tôda a prisão é um campo de batalha. Somos nós, os presos, contra os guardas, contra o diretor. E' uma luta dos que estão de dentro contra os que estão de fora. Todo mundo tem de ficar de um lado ou do outro.

Eu me apressei em dizer:

Eu me apressei em dizer:

— Não estou de lado nenhum, Connie. Eu sou um cientista...

O que êle me disse, foi ainda mais desolador:

— Então volte para seus alunos, doutor. Não queremos especialistas àqui.

Eu tinha certeza que Connie falava pelos demais. Naquele instante retomei a minha atitude normal, fora dos muros de Harbor State, e com voz calma, porém num tom decidido, falei:

— E' assim? Pois vou-lhe dizer uma coisa: sei



pátio, contando-me histórias nada tranqüilisadoras...



Scott, grande jogador de futeboll... um menino grande...



Kopac, um homem que temia o mundo...



Randall, um fraco, porém difícil de se lidar...

(MY SIX CONVICTS)
Segundo a famosa história de
DONALD POWELL WILSON

PERSONAGENS:

Doutor .... JOHN BEAL
James Connie
MILLARD MITCHELL
Punch Pinero GILBERT ROLAND
Scott ... MARSHALL THOMPSON
Kopac .... JAY ADLER
Dawson ...... HENRY MORGAN
Randall .... ALF KJELLIN

Direção de HUGO FREGONESE

que estão contra mim, mas eu vou fazer o que vim fazer aqui, haja o que houver. Pode dizer isso a todos!

Êle se retirou sem dizer uma palavra. Em seu rosto, porém, havia o mesmo ar sinistro de sempre. A minha sorte estava em jôgo. Eu desejava saber o efeito causado por aquela explosão. Confiava que a minha sinceridade acabaria conquistando os presos. Acabei, isso sim, conquistando Connie. Êle passou a ser o meu primeiro assistente. Para chegar a isso, êle havia, deliberadamente, arrebentado uma máquina fotográfica de alto preço. A transferência foi feita imediatamente...

Dois meses passaram sem que eu conseguisse um resultado concreto no meu trabalho, o que não deixava de ser inquietante. Os progressos eram demorados. Até então eu só alcançara uma vitória: atravessar o pátio sòzinho. Apesar de todos os olhares hostis, os presos não me cravaram nenhuma faca nas costas.

Era confortador saber que já inspirava alguma confiança àqueles homens que tinham razões de sobra para não confiar em ninguém. Tive certeza de que estava progredindo, embora lentamente, quando consegui o meu segundo assistente. A forma como o conheci não foi muito rotineira. Êle aproximou-se de mim e perguntou se podia trabalhar no meu escritório. Chamava-se Kopac e falava de modo lento, timidamente. Faltava-lhe cumprir um ano da sentença e desejava minha ajuda para acabar com as confusões que sentia na cabeça. A necessidade de curar-se era tão grande que tivera coragem bastante para desafiar Punch Pinero. Eu acho que ainda não falei de Punch Pinero, mas posso defini-lo de modo rápido. Punch era um lider, como existem em tôdas as prisões. Soube por Kopac que êle havia proibido que trabalhassem comigo. Não gostei muito de receber aquela notícia, e muito menos quando Punch Pinero aproximou-se para falar:

— Sou Punch Pinero, doutor — disse êle arrogantemente. — Todos os rapazes me ouvem. Pode ficar com Kopac. Mas não nos atrapalhe mais a vida, ouviu?

Em outra situação eu teria reagido à insolência de Punch Pinero, mas no momento era preciso ter calma. Qualquer desabafo violento de minha parte, seria para os presos uma razão para maior hostilidade. Quando Punch se afastou, pude falar com Kopac, mais à vontade.

— Está certo, Kopac, você será meu assistente...

Li uma alegria enorme no seu rosto triste. Êle confiou-me, então, todos os seus receios.

— Tenho mêdo, doutor, do mundo exterior. Tenho mêdo de fracassar. Aqui me sinto mais seguro.

Kopac não deixava de ter razão no seu mêdo. Os anos que passara em Harbor State, apesar de ser um detento, haviam sido calmos. A segurança é ainda o intento mais perseguido pelos homens.

Disse-lhe algumas palavras de confôrto, pois sentia sinceridade na atitude de Kopac. Não foi difícil determinar que êle seria um amigo.

Uma semana mais tarde aconteceu uma coisa que foi para mim uma grande surprêsa. Punch Pinero entrou em meu escritório e disse:

— Se aceita mais um, doutor...

Em suas palavras eu compreendi um oferecimento. Disse que aceitava, mas no íntimo alimentava o desejo de descobrir a razão daquela mudança. Punch Pinero havia liderado um movimento para me derrubar, hostilizando-me de tôdas as maneiras. Agora êle entrava na minha sala e dizia estar ao meu lado, disposto a colaborar.

Naquela noite eu dormi mais tranquilo, consciente de que aprendera nos livros de psicologia algo que começava a produzir resultados. Minha atitude, primeiro tendo coragem de dizer a Connie tudo aquilo, depois enfrentando todos os problemas, haviam me definido perante os homens. Três dêles votaram a meu favor no julgamento silencioso que estavam fazendo em Harbor State. Se aquilo não era vitória, eu deixaria de me chamar Wilson e pediria transferência imediatamente...

Eu notara que Connie não gostara muito da aproximação de Punch Pinero, e com o correr dos dias comecei a analisar meu assistente mais novo com o firme propósito de desvendar-lhe a alma.

Punch Pinero, como a maioria dos presos de Harbor State, era um homem revoltado contra o mundo e a sociedade. Tivera uma infância difícil ao lado de um pai intransigente, que usava a fôrça para dar-lhe uma educação que êle recusava, mesmo sem saber por quê. Anos mais tarde, começou a vingar-se batendo nos demais, e tudo conseguia através da fôrça. Não conhecia outra lei senão de seus punhos poderosos. Dava pouco trabalho ao cérebro, mas em compensação suas mãos não passavam um dia sem agir. Criara-se no mundo como as plantas selvagens crescem nos campos, porque têm que crescer, segundo a sábia lei da Natureza.

Eu não culpava Punch Pinero pelos seus desmandos e até agradeci intimamente àquele aliado. Com os três assistentes eu já podia pensar na primeira fase de meu trabalho: um "test" coletivo.

Certa manhã, trinta sentenciados entraram na minha sala escoltados, e fariam um barulho medonho, se Punch Pinero não estivesse presente. Alguns gritos foram o bastante para que se acalmassem. Dessa vez, quando mandei os guardas saírem, os presos não agiram como naquele primeiro dia. Mantiveram-se calmos, submetendo-se aos "tests", embora fôsse preciso, de quando em vez, um grito de Punch Pinero para fazer recuar os mais atrevidos.

O espetáculo não deixa de me divertir, e dentro de minha responsabilidade, eu sentia que três assistentes valiam muito em Harbor State...

Deu-se, porém, um fato que me entristeceu. Um prêso havia roubado a minha caneta. Com o alarme, Connie começou a procurar entre os sentenciados presentes. Um dêles, aliás bastante simpático, chegou até minha mesa e devolveu a caneta, juntamente com o papel do "test". Connie percebeu a manobra e não demorou a intervir, mas o rapaz polidamente, fêz questão de explicar:

— Estou aqui, doutor, para proteger uma moça de boa família que atropelou, acidentalmente, um guarda da estrada.

Connie não ficou satisfeito e repreendeu o jovem.

— Já lhe disse muitas vêzes, Scott, que quem rouba já nasceu assim!

Eu estava examinando o papel de Scott. Havia simpatizado com os seus modos, principalmente com a sua sinceridade. Não permiti que Connie prosseguisse com seus sermões. Fiz ponto final na história com um oferecimento a Scott:

— Estive observando seus desenhos, Scott, e como estou precisando de uma pessoa que saiba desenhar, quer vir trabalhar comigo?

Scott respondeu de modo indiferente, mas compreendi logo que êle agia sempre daquela maneira.

— Pode ser...

Até então eu havia apenas arranhado a superfície do que tinha para fazer. Quando separei uma briga entre Connie e Punch, certo dia, no meu escritório, Punch ficou furioso ao simples toque da minha mão. Êle, decerto, vira em mim o pai de seu tempo de garôto. E não perdoou a minha intromissão. Connie levava desvantagem na contenda, e como eu me sentia responsável por todos, tratei de evitar um desastre maior.

Certo dia abri a gaveta de minha mesa à procura de um fósforo e encontrei um revólver. Os homens eram espertos. O revólver era de borracha, porém significava muito para mim. Queria dizer que eu não havia ganho a confiança dêles, como pensava, e o melhor seria sair dali o quanto antes.

Mas, passara o tempo em que as ameaças deixavam-me calafrios em Harbor State. A fase do mêdo invencível se fôra, como haviam deixado meu íntimo as desconfianças de fracasso em minha missão. Assim, continuei trabalhando, por achar que a melhor resposta ao revólver era não deixar a prisão!

Quando chegou a época dos treinos de baseball, consegui mais dois assistentes. Se eu adivinhasse o que sucederia com a entrada dêles para meu grupo, teria recusado. Vocês não tardam a saber porquê.

(Continua no próximo número)



O meu primeiro contacto com os presos de Harbor State redundou em fracasso... Êles não queriam nada com meus "testes"!



Punch Pinero comandava os presos contra mim, e eu não sabia porque. Quem poderia adivinhar o que êle viria a fazer semanas depois?

Rádio

Ronda



Ary Barroso, glória legítima de nossa música popular, organizou uma orquestra e está visitando as Américas na divulgação de nossos ritmos. Ninguém melhor que êle, a quem devemos as melhores páginas do cancioneiro do povo, para espalhar as melodias que falam de nossas coisas e de nossa gente. As notícias que chegam sôbre a excursão artística de Ary e sua orquestra, são as mais animadoras. Êle está alcançando um êxito enorme por onde passa, êxito, é bom frisar, muito merecido!

A Mairynk prossegue nos preparativos para a inauguração de seus novos auditórios, agora no andar térreo, mais à mão, portanto, para o público, sem o problema das escadas e do elevador.

Com a inauguração do auditório, a PRA-9 dará início a outra fase. Embora a estação esteja bem perto dos cem por cento, o sr. Gilson Amado pensa em melhorar!

Na Mairynk estão colaborando Gilberto Martins e Herrera Filho. A participação de Gilberto se fará mais assídua quando tiver início a nova fase.

★

Entristece, sem dúvida, a notícia de que Dias Gomes deixou a direção artística da Rádio Clube do Brasil. Pode não parecer, mas é séria a situação na A-3. Vamos aguardar os acontecimentos para fazer comentário maior.

★

Carlos Gutemberg está escrevendo no momento outro seriado para a Nacional. O autor de "A última gargalhada" tem confiança nesse novo original, que será entregue a competência do diretor Floriano Faissal e seu elenco de rádio-atores.

★

O "Café da Manhã", de Dinah Silveira de Queiroz, era delicioso de ouvir quando lido por Saint-Clair Lopes, seu criador ao microfone da Nacional. A volta de Saint-Clair àquele programa é imprescindível !

Alvaro Moreira o cronista do "Bom dia. Amigos" e o "Tio Álvaro" da "Reunião em Família", da Globo, está doente. Algo de sério abalou o coração de Álvaro Moreira, mas a crise passou e êle retornará ao microfone, muito breve.

★

A Rádio Eldorado precisa mudar quanto antes a sua programação. A emissora de D. Ana Khoury necessita urgentemente de uma transformação. Onde estão as novidades prometidas?

★

Alziro Zarur segue com a sua "Legião da Boa Vontade", agora pela onda da Cruzeido do Sul. E' um programa de solidariedade humana, contando com a simpatia de muitos ouvintes do Rio e do interior.

★

A Tamoio segue perdendo ouvintes. A B-7, que já liderou vários horários, está agora numa fase de expectativa que não se justifica, possuindo como possui, tantos elementos de valor em seu "cast".

Aquelas mudanças na Direção acabaram afetando a veterana emissora de Júlio Louzada.

ONDA VAI... ONDA VEM...

Bastou o Max Nunes começar a produzir programas humorísticos para a G-3, e a coisa melhorar muito!

Aquêle programa "Uma pulga na camisola", é bem uma resposta ao sucesso de "Balança, mas não cai". Mesmo produtor, mesmo êxito. Não importa a emissora. Até na Vera Cruz, se vocês duvidarem, o Max fará sucesso...

★

Por falar na G-3, o pessoal contratado já respira melhor, com o pagamento das quinzenas atrasadas. Paulo de Grammont continua a assinar as tabelas, enquanto o grande encargo da programação fica nas mãos do Péricles Amaral. Até quando, é muito difícil prever...

★

Mal a Tupi começou a regularizar a situação dos salários atrasados, a coisa mudou-se com armas e bagagens para a emissora do Edifício Cineac, a veterana e muito simpática Rádio Clube do Brasil.

O primeiro a pular foi o Dias Gomes, solidário com os músicos que não viam a côr do dinheiro há algumas semanas.

Até o Marques Rebelo, que agora é o novo diretor de broadcasting, embora acumule a Presidência, anda preocupado.

Êle está a par do que se passa nos bastidores da alta administração, com êsse inquérito da Câmara...

★

Alguém telefonou para a redação perguntando se era verdade que a Globo voltaria a irradiar novelas. Segundo os diretores da E-3, tudo continuará como está. Muita reportagem, muita música e pouco anúncio...

Gente de RÁDIO



Quem não conhece Emilinha Borba? Claro que todo mundo conhece Emilinha, é fã de Emilinha, aplaude Emilinha, fala de Emilinha, canta os seus sucessos... A graciosa "estrêla" de nosso rádio continua firme na Nacional, lançando sucessos! A "favorita" é cartaz em vários programas da E-8, principalmente no "show" volante do Heber de Boscoli, aos domingos.

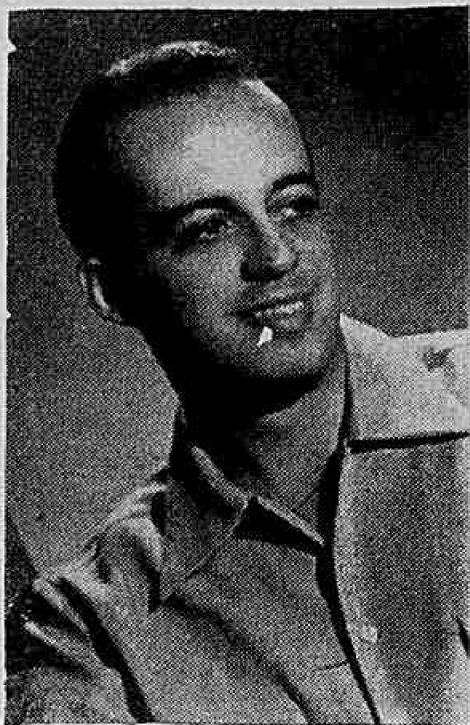
NO MUNDO DOS DISCOS

NOTAS SÔLTAS

A Continental prepara com entusiasmo seus primeiros "Long-play", com uma série de histórias infantis, na voz de seus maiores cartazes.

★

Dalva de Oliveira deve fazer outra temporada em Londres, naturalmente com a Orquestra de Roberto Inglês. A "estrêla" da canção popular vai com o propósito de realizar novas gravações, e repetir o sucesso!



Nilo Sérgio, diretor-artístico da Musidisc e fundador da nova etiquêta da "Long-play"

Orlando Silva gravou para a Musidisc um álbun LP que está sendo aguardado com interêsse pelos fãs. As maiores criações do "cantor das multidões" foram reunidas nesse disco.

★

Black-Out é outro que vai trocar de gravadora. A RCA está nos seus planos. . .

★

A Sinter lançará um novo disco de Dick Farney contendo o sucesso "Speak Low" anteriormente gravado para a Capitol.

★

Carmelia Alves deve dizer Adeus a seus fãs para uma temporada em Buenos Aires. Parece que a coisa vai sair muito breve...

★

Novo disco de Roberto Inglês, a ser lançado dentro de algumas semanas: "Meus olhos entendem os teus", de Haroldo Eiras e "Tristonho", de Pascoal Mellilo, numa face e na outra.

★

Nora Ney e Jorge Goulart gravaram na Continental. Ela passou para a cêra, "Deixa-me", um samba de Nicolino Copia, enquanto Jorge gravou "Paulista do Centenário", samba de José Dias e Bruno Gomes.

PARADA DE SUCESSOS

NORA NEY — "De Cigarro em Cigarro".

FRANCISCO CARLOS — "Aventureira".

PASCOAL MELLILO — "Cuco".

ZE' DO NORTE — "Meu Pião" e "Mulher Rendeira".

BILLY ECKSTENE — "El Choclo".

DORA LOPES — "Baralho da Vida".

ORLANDO SILVA — "Neusa".

ORTIZ TIRADO — "Pecadora".

JAN PIERCE — "Matinata"..

CASCATINHA E INHANA — "Índia".

SÍLVIO CALDAS — "Você Voltou".

DICK FARNEY — "Meu Sonho".

CARLOS GALHARDO — "O Resto é Silêncio".

ATENÇÃO, RUBRO-NEGROS!

CONHEÇAM A HISTÓRIA DO "CLUBE MAIS QUERIDO DO BRASIL" E A VIDA DOS SEUS "CRAKS" MAIS FAMOSOS DO PASSADO E DO PRESENTE

Leiam o ÁLBUM RUBRO-NEGRO

300 PÁGINAS — PREÇO CR$ 50,00

A VENDA EM TÔDAS AS BANCAS DE JORNAIS. REMETEMOS PELO "REEMBÔLSO POSTAL" — PEDIDOS À EDITÔRA BRASILIDADE LTDA., RUA DA QUITANDA, 59 — 2.º ANDAR — C. POSTAL 2.733 — RIO



CAPITAL SOCIAL

3.000.000,00

(Integralizado)

Carta Patente n.º 146

Oferece o formidável

PLANO DE ECONOMIA

Série "C"

O plano Série "C" da Brazília além de ajudá-lo a cultivar o hábito sadio da economia, proporciona-lhe as seguintes vantagens:

a) — Prêmios de Cr$ 200.000,00; Cr$ 100.000,00; Cr$ 30.000,00; Cr$ 20.000,00; Cr$ 10.000,00, etc.

b) Resgate por antecipação;

c) — Resgate por falecimento;

d) — Dividendos ou bonificações anuais;

e) — Seguros contra acidentes pessoais;

f) — Sugestões relacionadas a viagens, repousos ou excursões;

g) — Informações sôbre matéria de interêsse turístico;

h) — Reembôlso integral.

MENSALIDADE — 50,00

Peçam informações

BRAZÍLIA TURÍSTICA E COMERCIAL, S. A.

SEDE PRÓPRIA: **Rua Visc. de Inhaúma, 134 - 4.º pav.**

Agências e Sucursais em todos os Estados

TELEFONE: 43-3475

COM NOVAS "ESTRÊLAS" ITALIANAS

OUTRO FILME DE LUCIANO EMMER

"GARÔTAS DA PRAÇA DE ESPANHA" — UMA HISTÓRIA FEITA DE ESPERANÇAS, DESESPEROS, RISOS E LÁGRIMAS...



Cosetta Greco: artista que Emmer transformou em "estrêla"...



Lilliana Bonfatti: esperança do cinema italiano...

LUCIANO EMMER, um dos expoentes do vigoroso cinema da itália nos deu há bem pouco tempo um documentário rico em expressões humanas com o sugestivo tículo de «Domingo de Verão».

Pintor das coisas simples, o cineasta Emmer terminou recentemente, «Garôtas da Praça de Espanha», trabalho digno de figurar na galeria dos grandes espectáculos cinematográficos.

O novo filme de Emmer, calcado em fatos de todos os dias, faz desfilar personagens novos, com seus problemas mais íntimos, na perseguição da eterna miragem: a felicidade.

O filme, que é baseado quase todo nas jovens da Praça de Espanha, apresentará Lucia Bosé, a nova sensação do cinema italiano, que além de muito simpática, é também uma atriz de talento. Seu papel, no filme Garôtas da Praça de Espanha» vai fazer história, vocês podem tomar nota!

Outra que está no elenco do celulóide realizado por Emmer, é Cosetta Greco, nome que andou nos telegramas, tão grande foi o interêsse despertado pelo seu lançamento nos filmes.

A terceira, em nada menos simpática e artista que as duas já citadas, é Lilliana Bonfatti, artista por vocação e de futuro garantido.

São novas garôtas do cinema italiano que desfilam na história feita de esperanças, desêspero, risos e lágrimas, e conduzida por êsse talentoso Luciano Emmer, nome que deve ser pronunciado com respeito pelos «fãs» de cinema. (Fotos Art Films).

Lucia Bosé, em pose sensacional! Ela é uma das atrações do novo filme de Luciano Emmer, "Garôtas da Praça de Espanha"



Cine novela



"CONTRA TODAS AS BANDEIRAS"

("AGAINST ALL FLAGS")



(Continuação)

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

O tenente inglês, Brian Hawke, atende ao chamado de Spitfire Stevens, acompanhando-a até seu apartamento onde ela pede explicações sôbre jóias que Roc Brasiliano havia trazido de uma viagem. Brian dá as explicações com prazer e prontifica-se a trabalhar para ela, logo que volte da viagem com Roc. A viagem é bastante acidentada com o assalto ao barco do Gran Mogol. Hawke salva a Princesa de Ormuz, ganhando com isso o intenso amor da jovem. Spitfire não gosta daquela amizade, mas tem que se conformar, para não perder todo amor que lhe devota o falso pirata.

Enquanto Roc e Spitfire confiam em Hawke, Jones e Harris providenciam tudo para que seja possível o ataque da armada da Grã-Bretanha ao ninho dos piratas em Diego Suárez.

Uma noite, Hawke e seus companheiros estão inutilizando os canhões, quando surge Gow, criado de Roc. Êle inquieta-se por não encontrar em seu pôsto o sentinela Collins, e então...



HAWKE percebeu que Gow criaria encrencas e já esperava que êle perguntasse:

— Hawke!... Onde está Collins?

O inglês não tinha outra saída senão contar a proposta feita a Collins, momentos antes, e tudo parecia terminar ali quando Gow alarmou-se ao ouvir ruídos estranhos.

— Que é isso?

— Isso o quê? — pergunta Hawke, fazendo-se de desentendido.

— Juraria que são marteladas...

— Marteladas?

— Acho melhor ver o que é...

Gow avança, mas não dá dois passos porque é ameaçado por Hawke:

— Fique onde está, Gow, se não deseja levar bala!

E' visível a surprêsa de Gow diante da atitude intempestiva do inglês.

— Quer dizer, então, que depois de tudo, és um espião!

E, imediatamente, puxa a sua faca, disposto a enfrentar Hawke, que, muito mais ágil, aceita a luta, tira-lhe a arma e mata-o.



Tudo está preparado para o dramático final. Mas, antes de lançar ao céu o fogo de Bengala do sinal, era preciso prevenir Miss McGregor que, ao soar meia-noite, deveria estar com a Princesa Patma no portão do jardim...

Às nove, Hawke bate à porta de Spitfire e é recebido com uma alegria dominada em longo tempo de espera. O romance dura mais de duas horas, e quando chega o instante da despedida, ela, submissa como qualquer filha de Eva, diz ao seu amado:

— Os beijos que eu te dei e que me destes, eu desejava-os mais que tu. Não me digas que me amas, se não é verdade... e perdoa-me pelas palavras ásperas com que te recebi até agora... Afinal, Brian, não aprendi ainda a ter fé...

— Ouve-me, querida... Sem fé não poderás combater as dúvidas que os ciúmes engendram dentro de ti... Prometa-me que não esquecerás, jamais...

— Juro, meu amor...



Faltam dez minutos para a hora zero... Neste breve lapso, é preciso disparar o foguete, esperar a resposta de Lord Clodsley, correr em busca de Miss McGregor e Patma, levá-las ao pôrto e fugir com elas pelo mar afora na chalupa que Jones e Harris prepararam com muito cuidado, enquanto o tenente dizia frases de amor a Spitfire... O plano só poderá falhar se algum pirata insone notar o foguete e der o alarma, o que não é provável em vista de que o suporífero dos ferozes habitantes de Diego Suarez é puro rum de Jamaica...

Como cometa, surge nos céus o foguete de Hawke, e dois segundos depois brilha no horizonte a fragata "H. M. S. Williams"...

— Por São Jorge e o Rei cumpriremos nossa missão! Se Deus quiser escaparemos com vida! Vamos! — grita o oficial aos seus valentes subordinados.

Os três inglêses chegam ao lugar do encontro em muito pouco tempo e descem dos cavalos debaixo de uma árvore.

Esperem-me aqui! — ordena Hawke, encaminhando-se para o portão.

— Hawke, não te incomodes! Ninguém vai sair esta noite por aí! — diz o capitão Brasiliano emergindo da obscuridade, com a escolta.

E acrescenta:

— Vocês cuidem dos dois, enquanto eu liquido êste!

— Roc, não sejas louco! Ouve-me! — fala Hawke, tentando acalmá-lo.

— Fala menos com a língua e mais com a espada! — ataca o pirata sem maiores delongas.

O duelo começa com terrível violência. As duas espadas chocam-se no ar, lançando faíscas... E, com efeito, são elas as únicas que por um momento têm voz na questão... Roc luta para matar; Hawke para desarmá-lo... Aproveitando-se de um instante, Hawke golpeia a espada de Roc e quando estão assim quase unidos pelas lâminas, êle diz:

— Vais ouvir-me agora? Não vim pela Madame Stevens, mas pela rapariga hindu!

— Que? — exclama o capitão.

E vendo, através do portão, Spitfire em acalorada discussão com Miss McGregor e Patma, afrouxa o braço e põe-se a escutar:

— Diga-me... Onde ias?

— Não sei — responde a escocesa.

— Íamos embarcar num bote — revela Patma, erguendo a cabeça.

— Onde? Onde? — ruge Spitfire, esbofeteando a princesa.

— Ela não sabe e eu também não sei... A verdade é que precisava livrá-la daqui e depositei minha confiança em Mr. Hawke — declara Miss McGregor.

— Ah! E' assim? — diz Spitfire, desencantada.

Roc intervém na discussão, aproveitando o momento para dizer:

— Vamos, Spitfire... Dá a rapariga para Hawke e esquece-o...

— Depois do que se passou entre eu e êle? Depois de suas mentiras e falsas promessas, feitas quando pensava em fugir com esta... esta... môsca-morta?

— Eu farei com que te joguem às cobras... Farei esquartejar-te por quatro búfalos... farei com que os elefantes de meu pai pisoteiem vosso corpo, por haveres maltratado a Princesa de Ormuz! — diz Patma, transformada diante dos insultos.

— A Princesa de Ormuz! E tu sabias, Hawke! — exclama Roc.

— Digo apenas que fui embrulhado por esta criatura! — diz Hawke tentando uma saída.

— Não pudestes esperar duas semanas para ser dono dela e de um bergantim, levando-me ao Brasil! — retruca Spitfire, furiosa!

— Agora que Hawke renunciou à vossa cumplicidade, Spitfire, resta saber como ia escapar da ilha — observa Roc, sarcástico.

E ordena em seguida:

— Revistem-no!

A ordem é cumprida e da busca surge um roteiro das fortificações, tôsco, porém claramente legível...

Enquanto lê, Roc observa as reações de Hawke. Por fim, explode:

— Com que então, sois um espião como sempre suspeitei! Muito bem! Servirá de pasto aos caranguejos...

Brian Hawke, oficial da Marinha Real da Inglaterra, com o estoicismo próprio dos heróis militares que jogam a vida pela pátria e perdem-na, ouve silenciosamente a sua sentença de morte... Inclina-se diante de Spitfire Stevens e diz:

— Permita-me, Madame, que recorde a vossa



Salvo por Spitfire no justo momento do ataque dos enormes caranguejos, Hawke trata de livrar seus companheiros Jones e Harris daquela tortura...



Uma luta feroz tem lugar entre Hawk e Roc Brasiliano, que não concebe a idéia de perder para o inglês, o amor de Spitfire Stevens...

promessa de conservar a fé em mim, por mais horríveis que fôssem as circunstâncias.

— Fé em vós, Hawke? A única coisa que recordarei em tôda a minha vida será a má sorte de não te haver liquidado com minhas próprias mãos!

★

A costa mais escarpada da ilha. Hawke, Jones e Harris estão sòlidamente amarrados em postes separados, entre as pedras, e descalços, para melhor atrair os caranguejos, facilitando-lhes o terrível festim. Êles tentam afugentá-los com gritos, mas os crustáceos gigantescos no Canal de Moçambique e no Oceano Índico, não fogem por tão pouco... Avançam pouco a pouco, exibindo suas prêsas...

Do alto, Spitfire e o capitão Brasiliano contemplam a cena; ela com as mãos cruzadas, visìvelmente contrafeita; êle ciúmento com aquela demonstração de amizade por um maldito espião!

— Não temos mais nada que fazer aqui, Spitfire. Podemos ir — sugere Roc, ansioso.

— Dá-me vossa faca! — exige Spitfire, com voz surda.

— Acreditas que matando-o, êle deixará de influenciar teu coração? Então, faze-o... já!

Spitfire toma a arma e desce correndo, colocando-se atrás de Hawke.

Fala de modo a não ser percebida por Roc, lá em cima.

— Eu odeio-te mais pelo que vou fazer agora que por tua maldita traição! Finje que estás morto, imbecil!

E corta a atadura que prende as mãos do oficial.

Neste momento bate o grande sino de Diego Soarez.

★

A fragata "H. M. S. Williams" entra na baía dos piratas.

— Agora compreendo o que pretedia Hawke! — exclama Spitfire.

— Mas não conseguirá... Vamos fazer êsse barco voar como aconteceu com os portuguêses! — diz o capitão Brasiliano com um riso de satisfação.

A destruição da fragata inglêsa parece coisa infalível. Não só encontra-se ao alcance das baterias do morro, como também prepara-se para atacar, com seus canhões, ao "Shark", ancorado no pôrto. Os piratas apressam-se em fazer fogo, mas os quatro canhões negam-se a obedecer.. Em troca, a descarga inimiga incendeia o bergantim de Spitfire, pondo-o a pique em menos de cinco minutos.

— E' o fim do mundo para nós... Acabaremos como prisioneiros dos inglêses! — brada a indômita mulher.

— A Roc Brasiliano ninguém prende! — grita o capitão. — Agora mesmo vou zarpar com destino a Veneza ou Gênova... Queres vir comigo, Spitfire?

— Estou disposta a tentar o impossível... E como escaparás aos canhões inimigos?

— Isso eu saberei fazer — responde Brasiliano.

E acrescenta:

— Içaremos a bandeira de trégua e mandaremos uma mensagem, através de Miss McGregor, que modificará nossa sorte...

Lord Clodsley e o capitão Horsnoy ouvem pela bôca da escocesa que os piratas mantêm cativa a Princesa de Ormuz, e que o preço reclamado pela sua vida é um salvoconduto para o "Escorpião".

— Raios me partam! A senhora crê que êsse bandido ousará enforcar a filha do Gran Mogol? — pergunta Lord Clodsley.

— Cretamenet, senhor! — afirma Miss McGregor com grande angústia.

— Isso, milorde, acarretaria a morte de todos os súditos de Sua Majestade, que se encontram na Índia! — observa o capitão Hornsby.

Lord Clodsley mostra que compreende perfeitamente a gravidade do problema, mas prefere ficar em silêncio. Um de seus oficiais vem avisá-lo que o "Escorpião" faz sinais pedindo resposta.

— Não dêem nenhuma... preparem outra carga, porém aguardem o meu sinal para fazer fogo! — são as ordens de Lord Clodsley.

E acrescenta:

— Veremos se êles se atrevem a sair com a maré alta. Ou então lhes resta esperar a próxima.

Roc Brasiliano não espera. Manda colocar Patma na ponta do barco, entre dois piratas, soltar as velas ao vento e pôr a proa em direção ao largo.

— Dentre de um minuto saberemos se vamos para Gênova ou para o inferno! — diz.

O momento crítico passa. O "H. M. S. Williams" não faz fogo e logo depois o "Escorpião" encontra-se em pleno oceano.

— Que dizes agora, Spitfire? Para nós Gênova, e o diabo para os demais! — exclama Roc, sinistramente alegre!

Ela olha-o com infinita repulsa e sem pronunciar palavra sai para o salão do barco. Êle a segue, aproximando-se de uma mesa, toma um garrafão cheio de aguardente e bebe alguns goles.

Sua gargalhada é ouvida depois com estrondo.

— Passamos debaixo do nariz dêles e não se animaram a atirar... De hoje em diante tu serás rainha e eu rei... Bebamos pela nossa felicidade!

Spitfire aceita, porém não bebe...

— Ou será que preferes Hawke como companheiro?

— Se voltares a pronunciar êsse nome, pagarás caro... Eu o odeio!... Eu o odeio... desde que me traiu com a princesa hindu!

— Quero uma prova! Quero um beijo teu!

Roc tenta abraçá-la. Spitfire recua.

— Nenhum homem que tenha pôsto a mão em cima de mim conseguiu viver depois! — grita Spitfire, em tom ameaçador.

E armando-se com sua espada, ataca o capitão Brasiliano. Roc apara a primeira estocada e dispara sua pistola para atrair a atenção de seus homens.

— Levem-na para baixo! — grita quando êles aparecem.

Spitfire, espadachim consumada, faz frente aos agressores, ferindo um e desarmando outro... Roc persegue-a, feroz, e encontra-se cara a cara com... Brian Hawke!

★

O que se passou? Muito simples... O "Escorpião" saiu da baía de Diego Soarez com Hawke, Jones e Harris agarrados aos ferros que servem para subir a bordo. No momento propício, Hawke atacou um pirata, enquanto Jones e Harris tomavam conta de Patma, lançando ao mar os dois guardiões que a defendiam... Logo, Hawke subiu ao mastro das velas rasgou a maior, com sua faca, pôs fora de combate o homem da gávea, cortou parte das cordas e saltou para ir em busca de Roc Brasiliano, enquanto seus companheiros vigiavam as duas únicas escotilhas...

O combate entre os dois homens é uma verdadeira tempestade de golpes desesperados de Roc; de agilidade por parte de Hawke... Êste limita-se a aparar todos os golpes do adversário até que o tem esgotado. Com uma só estocada fere-o mortalmente... Roc dobra-se em dois, porém, antes de cair emprega as últimas energias que lhe restam para lançar sua espada como um dardo... Hawke, ileso, volta-se, a tempo de ver Spitfire eliminando um pirata.

Nesse momento os marinheiros do "H. M. S. Williams" invadem o barco e põem fim à sangrenta luta.

★

No convés da fragata de guerra. Os marujos estão alinhados, em rígida formação... Ali também se encontram Lord Clodsley e o capitão Hornsby. Mais adiante, o tenente Brian Hawke e Patma... Sùbitamente a Princesa de Ormuz abraça seu herói e, com ardor, beija-o na bôca... Lord Clodsley ri e comenta:

— Na verdade, tenente Hawke, eu invejo-o...

Patma não deixa que êle termine a frase. Promete ao seu ídolo:

— Eu te darei o kohinoor, um elefante, o pavão real e um palácio de mármore branco...

— Miss McGregor! — grita Hawke, pedindo socorro.

A escocesa atende prontamente, livrando-o dos arroubos da jovem apaixonada.

— Como eu dizia, tenente, invejo-o — prossegue Lord Clodsley. — Que não farão por vós o Gran Mogol e o govêrno de Sua Majestade, nosso Rei, por haverdes salvo a Princesa de Ormuz?

— Concordo, Lord Clodsley, porém a graça que mais ambiciono está ao vosso alcance conceder-me...

— Sim, Hawke? E qual é?

— A de esquecer agora e sempre o passado da Senhora Stevens — revela Hawke, em expectativa.

Lord Clodsley nada fala, passeando seu olhar pelos circunstantes. E vendo simpatia em todos os rostos, primeiro pede emprestada ao capitão Hornsby sua caixa de rapé; tira um pouco de pó, leva-o ao nariz; assua-se com um enorme lenço e depois, com um sorriso maquiavélico, diz:

— A verdade, Hawke, é que minha memória é fraca, muito fraca... péssima... Uma vez esqueci de pôr as calças de meu uniforme de gala, de modo que...

— Muito obrigado, senhor! — exclama Hawke com alegria.

E corre a abraçar sua querida Spitfire, em cujos olhos brilhantes, e na profunda emoção de todo o seu ser, se lê uma felicidade completa!

— FIM —



Quando termina aquela aventura com a vitória das armas de sua Majestade britânica, Hawke pede perdão para Spitfire, correndo para seus braços, mais apaixonado do que nunca!

GANHE CR$ 200.000,00 DE PRÊMIOS!

Televisão, geladeiras, bicicletas motorizadas, patins, terreno, enceradeiras, serviço de café, máquina de escrever, liquidificador, máquina de costura e muitas outras coisas úteis.

Conheça o Brasil: recorte da REVISTA DA SEMANA e colecione lindas gravuras coloridas de valor histórico e geográfico com ótimo texto educativo

no Álbum Revista da Semana

ATENÇÃO

As figuras coloridas, que deverão ser recortadas da «Revista da Semana» e colocadas no «Álbum», começaram a ser publicadas na «Revista da Semana» n.º 12, de 21 de março de 1953. Números atrasados da «Revista» bem como o «Álbum», são encontrados em todos os jornaleiros do Brasil.

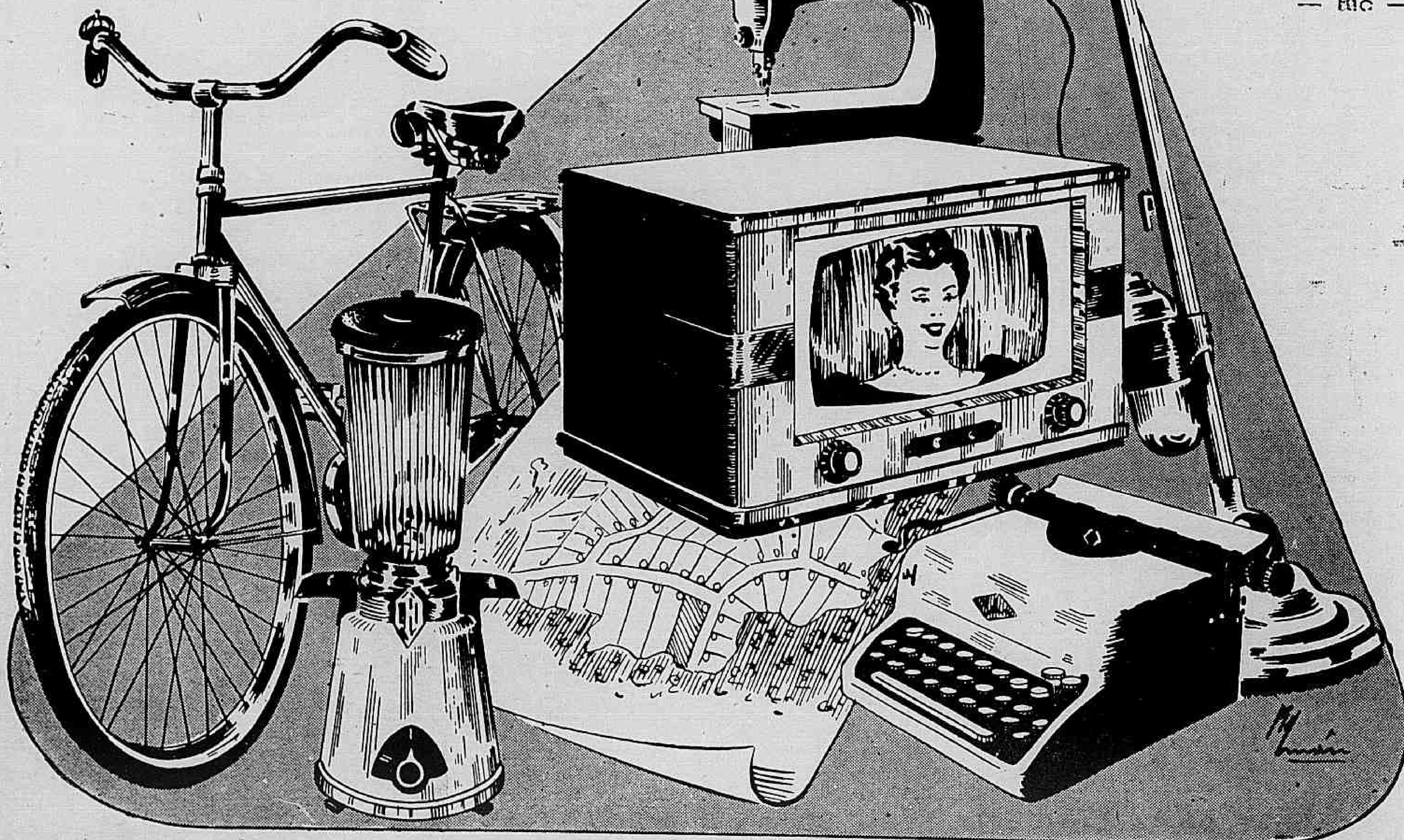
Pedidos à Redação: Rua Visconde de Maranguape, 15 — Lapa — Rio.

Condições na

REVISTA DA SEMANA

a venda em todos os jornaleiros

Redação: Rua Maranguape, 15 — Rio —



REALIZAÇÃO DA BRAZÍLIA TURÍSTICA E COMERCIAL S. A.

RUA VISCONDE DE INHAÚMA, 134 — RIO DE JANEIRO

PÁGINA DO LEITOR

COLABORAÇÃO DO LEITOR

O CINEMA SEGUE A MARCHA DO TEMPO!

De BRAGA FONSECA

Já vai para mais de cinqüenta anos o nascimento de uma indústria que, incontestàvelmente tem repercussão em todo o mundo e é a mais acatada pelo público: o Cinema. Por vêzes, a gente começa a pensar sôbre os primeiros passos da indústria fílmica. Os nomes de Thomas Edson e seu «Kinetoscópio», nos vêm à memória, o nome de Marey, dos irmãos Lumiér, fazem parte da história complicada e longa do cinema nos seus primórdios de aparição. Enfim, seja qual fôr o descobridor da cinematografia, o fato positivo, consumado, é que ela existe hoje, em tôda plenitude de seus processos e de sua técnica. Seus processos modernos, dignos de nota, são, por conseguinte, convincentes. Recordando os tempos passados, nós podemos lembrar aquela massa humana que se comprimia para ver a «Lanterna Mágica», onde, em uma pequena tela, os curiosos admiravam boquiabertos a chegada de um trem e a saída dos operários da Fábrica Lumiér... E êsse acontecimento, naquela época, constituiu uma verdadeira revolução em tôda a parte e tornou-se o assunto do dia! Pouco a pouco, a cinematografia foi abrindo os seus «tentáculos» e revelando seus artistas, que foram ficando conhecidos e queridos do público. Os nomes de Clara Bown, de Francesca Bertini, de Ramon Novarro, de John Gilbert, de Pola Negri e do inesquecível Rodolfo Valentino, eram cartazes obrigatórios e os fãs não cansavam de aplaudi-los. Seguindo a grande marcha do tempo, o cinema-mudo precisava ter voz, precisava de algum processo novo que revolucionasse o mundo inteiro. Veio, então, o advento do cinema falado para deslumbre de muitos e esmagamento do pequeno número de céticos.

O cinematógrafo chegou a tal ponto, que parecia ter atingido o seu «climax». Acontece, entretanto, que o Homem vive procurando invadir os terrenos desconhecidos, na ambição muito humana de chegar ao máximo, desvendando os mistérios da Natureza, em qualquer terreno. Seguindo essas normas naturais da vida, mediante a evolução sempre crescente do século atual, surgiram as invenções mais incríveis, inventos que outrora eram taxados como sonhos de loucos, verdadeiras utopias... Veio, portanto, a televisão fazendo os descrentes curvarem-se submissos ante a realidade dos fatos. Sem dúvida alguma, a televisão tornou-se o fantasma ameaçador, o rival implacável do cinema... Aconteceu, porém, que a cinematografia já há muito preparava-se para enfrentar a grande «batalha». Surgiu a maior maravilha que se pode imginar, no setor cinematográfico: o Cinerama. E, por falar em cinema da terceira dimensão, é mister que se fale também no seguinte: — Há mais de trinta anos, um brasileiro muito trabalhou neste sentido. Trata-se do inventor Sebastião Comparato. Em 6 de junho de 1945, para sermos mais exatos, um vespertino carioca fazia grande estardalhaço com respeito ao novo processo que seria adotado no cinema, trazendo vários clichês do inventor patrício, afirmando ainda que êle havia sido contratado pela Warner Brothers, a fim de concluir as suas experiências. Passou-se o tempo e nada mais foi dito de Comparato e seu invento. Agora, no entanto, aparece finalmente o «cinerama», que nada mais é do que o ideal de Sebastião Comparato: Cinema da terceira dimensão... Conforme afirmam os estudiosos, tudo é mais real, tudo é mais positivo, no novo processo a ser adotado pelos cineastas. Era justamente uma modalidade de tal vulto que o cinema estava precisando. Deixará a cinematografia de ser apenas uma simples miragem, um simples movimento sucessivo de sombras animadas!... Seja, portanto, qual fôr o verdadeiro «pai» da terceira dimensão, o que interessa ao exigente público é que o cinema acaba de atingir as culminâncias de uma técnica mais perfeita, mais moderna em todos os sentidos!

ENDEREÇOS DOS ESTÚDIOS

Para escrever ao seu artista predileto, basta endereçar sua carta aos seguintes endereços:

EM HOLLYWOOD:

Col — *Columbia Pictures*, Hollywood, Califórnia, U.S.A.E.L. — *Eagle Lion Studios*, 1324, Santa Monica Boulevard, Los Angeles, Califórnia.

W.D. — *Walt Disney Productions*, 2 400 W. Alameda Avenue, Burbank, Calif.

Par. — *Paramount Pictures*, 5451 Marathon Street, Hollywood, Cal.

Rep. — *Republic Pictures*, 4024, Radford Avenue — Nº Hollywood, Calf.

R.K.O. — *RKO-Radio Studio*, g80 Gower Street, Hollywood, Calif.

S.G. — *Samuel Goldwyn*. 1041 N. Formosa Avenue.

Sel. — *David Selznick*. Washington Boulevard Culver City, Calif.

20th.C. — *20th, Century-Fox Studios* — Box nº 900, Beverly Hills, Calif.

U.A. — *United Artists Studios*, 1041 N. Formosa Avenue, Hollywood, Calif.

UNIV — *Universal International Films Inc.* Universal City, Calif.

WB — *Warner Bros. Studios*, Burbank, Calif.

NO BRASIL:

Atlântida Cinematográfica — Rua México, 51.

Astra Filmes — Sta. Luzia n. 285 — Telefone: 32-7588.

Botelho Filmes — Jorge Rudge n. 37 — Telefone: 48-2111.

Brasil Vita Filmes — Rua Conde de Bonfim n. 1331 — Telefone: 38-3497.

Capital Filmes — Avenida Franklin Roosevelt n. 126 — Telefone: 42-3175.

Cinédia — R. V. Buenos n. 30. — Telefone: 48-1653.

Alexandre Wulfes — R. Paulino Fernandes — Telefone: 26-8132.

Tropical Filmes — Av. Calógeras n. 52 — Telefone: 52-4441.

Cinematográfica Sol Brasileira — R. Argentina n. 51 — Telefone: 48-0381.

Cine Produção Fenelon — R. Álvaro Alvim n. 24 — Telefone: 42-1551.

Imperator Filme Ltda. — R. México, 7-b — Sala 606 — 6º andar.

Vera Cruz — Major Diogo, 311 — S. Paulo.

Intercontinental Filmes — Av. Amaral Peixoto n. 178 — 5º andar — Niterói.

Filmoteca Cultural — Rua Álvaro Alvim n. 33/7 — Telefone: 42-0651.

Maristela — Edifício Otávio Guinle — São Paulo.

Flama — Rua Laranjeiras, 291 — Telefone: 25-6820.

Sacra Filmes — Rua Evaristo da Veiga, 16 — 8º andar, sala 807.

Juventus Filmes — Pres. Vargas, 446 — 22º andar — Sala 3307 — Caixa Postal 3244.

AOS LEITORES

Voltamos a solicitar aos nossos leitores que escrevam dando suas impressxes sôbre a nova fase da sua revista de cinema.

Tôdas as cartas serão recebidas com prazer e respondidas nesta página, como aqui também serão publicadas tôdas as colaborações enviadas, que podem vir em forma de artigo, reportagem ou crônica.

Qualquer pergunta sôbre cinema, rádio, teatro, música e discos merecerá nossa atenção.

Desejamos publicar nesta página uma galeria com fotos de nossos leitores, mas só poderemos fazê-lo se recebermos as fotos. Daí uma outra solicitação: enviem seus retratos para a galeria dos leitores de «A Cena Muda», em qualquer tamanho, juntamente com alguns dados sôbre idade, profissão, residência.

As cartas devem ser endereçadas ao Diretor, e nenhuma, garaintimos, ficará sem resposta!

CORREIO DE "A CENA"

Nosso leitor Jairo Arouche, de São Paulo, diz em sua carta:

«Sou leitor há mais de 10 anos desta magnífica revista, e venho por meio desta enviar algumas sugestões e também algumas perguntas».

Jairo, estamos assuntando a possibilidade do címanaque que você sugere, assim como muitas outras atrações para a nossa revista. Quanto à secção, ela vai sair breve. Vamos às suas perguntas. O título original de «Bela e Bandida» é «Montana Belle». A Metro não tem ainda um processo próprio, noticiando-se que utilizará o Natural Vision, servindo à Warner, no momento.

Escreva sempre! Mande suas impressxes sôbre nova fase da «Cena» e o seu retrato para nossa galeria. OK?

★

Nossa gentil leitora Luiza Maria, de Pelotas, Rio Grande do Sul, escreve indagando:

«As cenas de «Elephant Walk» já filmadas com a grande Vivien Leigh serão aproveitadas ou Elizabeth Taylor tornará a filmá-las?»

Dando-se crédito às poucas notícias que nos chegam sôbre «Elephant Walk.. Elizabeth está filmando tudo outra vez. Vivien, como você deve saber, teve uma crise nervosa, e a conselho de seu médico, está descansando algum tempo. Luiza Maria, escreva sempre para a sua revista de cinema. Gostaríamos de saber a sua opinião sôbre a nova fase e de receber o seu retrato para a nossa galeria de leitores. Mande o quanto antes!

★

Nosso desolado leitor Wilson Rodrigues, conta em sua carta:

«...já enviei muitas cartas registradas a Pier Angeli (cartas encaminhadas aos estúdios), e tôdas elas retornaram às mãos. Assim eu venho recorrer à sua compreensão..»

Meu caro Wilson, nós apostamos que Pier Angeli desconhece o que se passa. Você decerto não sabe que os artistas não cuidam de sua correspondência, encargo do secretário ou secretários, conforme o volume da mesma. O retôrno de suas cartas, é contudo, inexplicável. Tente mais uma vez com o endereço dos estúdios da Metro, publicado nesta página. Sirva-se e seja feliz, são os nossos votos. Estamos pedindo impressões sôbre a nova fase. Mande também a sua! No mesmo envelope coloque seu retrato para a galeria dos leitores. Combinado?

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2 BÉL-HORMON, à base de hormônios é um preparado moderníssimo, eficiente de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quitino Pinheiro Ltda. — Rua de Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº ......
NOME ....
RUA .... Nº ......
CIDADE ....
ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

VOCÊS RECORDAM VERONICA LAKE?

Muitas vêzes os astros fogem do céu para um anonimato inexplicável, e como o público é sempre volável, esquece-os diante dos novos que aparecem aproveitando a oportunidade...

Veronica Lake não era bonita, na extensão do têrmo, mas possuia personalidade, personalidade até no penteado. Aquêles cabelos louros, cobrindo uma parte do rosto, aquêle sorriso, — vocês se lembram, — conquistaram Alan Ladd em um filme que ficou na história: "Alma Torturada".

Depois dêle, Veronica fêz muitos mas sem igual sucesso, casando-se depois com o diretor André De Toth. Foi eclipsando-se até desaparecer por completo.

Agora ela separou-se do marido e pretende voltar. Primeira providência: restaurar o antigo penteado, o que pode significar a restauração do antigo prestígio...



RICHARD WIDMARK VAI FICAR...

Enquanto Veronica deseja voltar aos seus dias de glória, um artista mais que famoso, querido também, pretendeu deixar os estúdios para recolher-se à uma vida diferente.

Richard Widmark é o seu nome, e entrou para a fama, sorrindo, como sorrindo pretendia fugir do mundo de luzes e "câmaras", dos gritos de "Ação!" e dos pedidos de autógrafos!

"Estou cansado de ser artista!" — teria desabafado aos amigos mais íntimos, porém esquecia que o cinema não o largaria assim tão fàcilmente.

Darril Zanuck, magnata da Fox, conseguiu prendê-lo a um novo contrato, dando-lhe um importante papel num filme pelo processo "Cinemascope".

Do argumento, Widmark parece ter gostado, porque voltou a sorrir como antes, achando o cinema tão bom como no princípio...

ERROL FLYNN NOVAMENTE...

Falar de cinema, sem falar de Errol Flynn é impossível, porque êle anda nos noticiários, sempre com as maiores novidades.

Agora descobriu uma italianinha mais do que bonita, com um nome de "estrêla": Bella Sista. Flynn pretende protegê-la, e magoou-se quando alguém insinuou qualquer coisa, e afirmou: "Meu interêsse pela garôta é puramente profissional".

Patrice Wymore, que ocupa com tanto brilho o coração do mais famoso "galã" do cinema, quando soube da história, riu à valer. Ela adora o marido e acredita na sua regeneração...



BOB HOPE NA PELE DE CASANOVA

Sem dúvida é uma noticia auspiciosa de que a próxima fita do comediante Bob Hope será sôbre o personagem famoso, Casanova. Trata-se de uma alta comédia da qual participará Joan Fontaine.



PREFERÊNCIAS MASCULINAS NO CINEMA

A Fox filmou, reunindo Marilyn Monroe e Jane Russell, "Os homens preferem as louras", e agora será realizado em Terceira Dimensão, e a côres, o argumento "Os Homens Preferem as Trigueiras", da mesma autora, Anita Loos, escritora que conhece as preferências masculinas, pelo menos no cinema...



ROMANCE ENTRE OLIVIA E KIRK DOUGLAS

Bastou que Olivia de Havilland e Kirk Douglas fôssem vistos juntos várias vêzes em Cannes para espalharem o romance. As noticias não foram confirmadas, mas surpreende pelo fato de citarem Olivia, tendo Kirk saido assiduamente com outras "estrêlas" também...



A ÚLTIMA REALIZAÇÃO DE EMILIO FERNANDEZ

Emilio Fernandez, o famoso diretor mexicano, concluiu em 52 seu filme "Cuando levanta la Niebla", reunindo no elenco Columba Dominguez, Arturo de Cordova, Maria Elena Marquez e Tito Junco, quatro figuras de destaque na cena azteca.

Quer ser escritor?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR — Cartas para Rua Visc. Maranguape, 15 — Lapa — Rio — para remessa do programa e bases do Curso.



É TÃO FÁCIL GANHAR CR$ 1.000,00

Não deixando de ter em casa o melhor para os móveis

Óleo de Cedro

Se a senhora ainda não experimentou êste produto, experimente-o que jamais deixará de usá-lo, estamos absolutamente certos.

RESULTADO DA «VISITA-SURPRÊSA» TODOS OS DOMINGOS NO «RADICAL» E AS SEGUNDAS-FEIRAS NO «CORREIO DA NOITE»





acaba com as Brotoejas



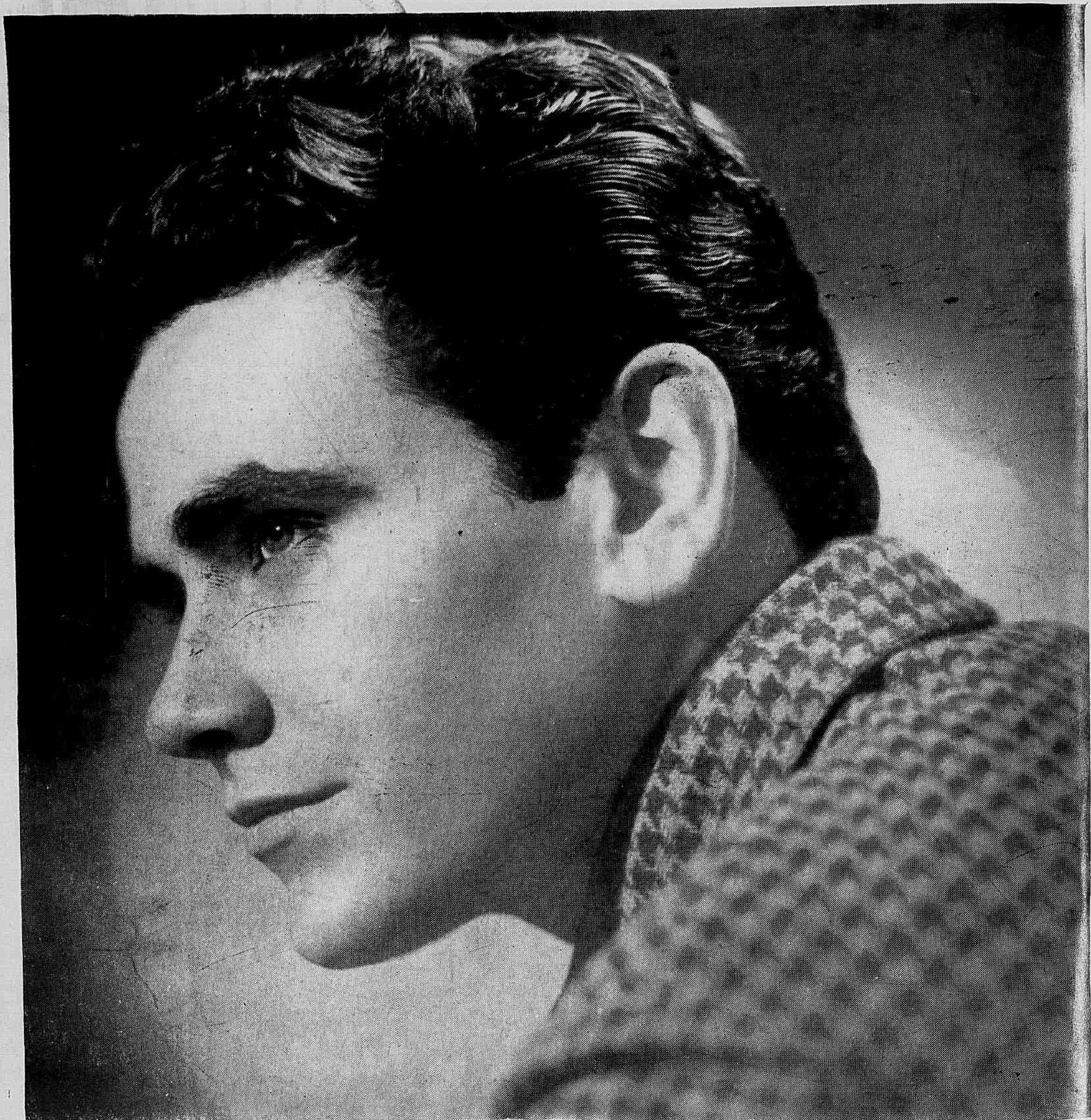
João FRE

Goal
ESPETACULAR
O
ANUÁRIO do
ESPORTE Ilustrado
de 1953



BREVE EM TÔDAS AS BANCAS DE JORNAIS

OS GRANDES CARTAZES DO RÁDIO



SUA CARREIRA

SEUS SUCESSOS

Francisco Carlos também conhecido como o "Rei dos Brotinhos" é o ídolo de milhares de fãs espalhadas por todo o Brasil, ouvintes da Nacional, onde o cantor aparece nos principais programas, lançando criações que são popularizadas fàcilmente.

Seu início foi difícil e êle cantou em várias emissoras, até conseguir sua melhor oportunidade na PRE-8, firmando-se como um cartaz indiscutível!

No cinema, já apareceu em filmes-revistas, sendo sua participação bastante aplaudida pelas fãs.

Seu grande sucesso no momento é, a versão de "Aventureira", melodia que vem liderando a vendagem de discos há muitas semanas, provando a popularidade do querido cantor!